



FOTOS: FLAVIO DUINA

## O perigo não vem do céu

*Para especialista, no combate ao vírus da gripe aviária, aves migratórias são vítimas, e não os vilões*

Devido à sua rápida propagação, o vírus H5N1, conhecido como gripe das aves ou influenza aviária vem assustando cientistas, governos e autoridades sanitárias em todo o mundo. Um mapa divulgado pelo *site* da Organização Mundial da Saúde [www.who.int](http://www.who.int)

mostra o avanço da doença, divulgando os casos confirmados de vítimas fatais entre os seres humanos. Apresentando os sintomas de uma forte gripe, que rapidamente destrói o tecido pulmonar, o vírus resuscitou o medo de uma pandemia, como a ocorrida no século passa-

do, quando a gripe espanhola matou milhões em vários países.

O Jornal da Universidade conversou sobre o tema com três especialistas: o professor Carlos Tadeu Pippi Salle, coordenador do Centro de Diagnóstico e Pesquisa em Patologia Aviária (CDPA) da Fa-

culdade de Veterinária da UFRGS; o professor Luciano Z. Goldani, chefe da Unidade de Infectologia do Hospital de Clínicas e coordenador do recém-criado Núcleo Estratégico de Controle de Doenças Infecciosas Emergentes (Nede); e o ornitólogo da Fundação Zoobo-

tânica do Rio Grande do Sul, Glayson Bencke. Os três acreditam que a informação é a mais importante arma para evitar a propagação do vírus, mas Glayson Bencke lança um alerta: as aves migratórias são vítimas e não os vilões dessa história. **Página 11**

## Jovens brasileiros no funil do ensino superior público

**Especial** Cerca de 87% dos jovens brasileiros matriculados no ensino médio frequentam escolas públicas. No entanto, menos de 30% deles conseguem cursar universidades gratuitas. Na tentativa de desfazer esse funil, a atual política de expansão do ensino superior brasileiro enfrenta sérios desafios. Para a professora de Política e Administração da Educação da UFRGS e membro

do Conselho Nacional de Educação, Maria Beatriz Luce, o problema da expansão é prever condições de trabalho acadêmico de qualidade para professores e estudantes. Já, a pesquisadora do CNPq e professora do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação, Denise Leite, é contra a oferta limitada de vagas no vestibular das universidades públicas. **Página central**

## Bolsas ajudam a qualificar estudantes de graduação

**Campus** A UFRGS, por meio das Pró-reitorias de Pesquisa e de Extensão, oferece anualmente diferentes modalidades de bolsas remuneradas aos estudantes da graduação. Esse sistema auxilia os alunos a colocar em prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula, tanto nos laboratórios quanto na prestação de serviços à comunidade. Estudantes que desejam prosseguir na carreira acadêmi-

ca também encontram oportunidades, construindo seus projetos de pesquisa com a orientação de um pesquisador da Universidade. Nesta reportagem, coordenadores de projetos, alunos-bolsistas e bolsistas voluntários falam sobre suas experiências e conquistas e relatam como sua formação acadêmica foi enriquecida pelo trabalho realizado fora da sala de aula. **Página 7**

Sérgio Silva

## Luz, câmera, ação!



**Perfil** Com ele nada é morno, nada é devagar. Se fica brabo, o mundo vem abaixo, mas é por pouco tempo. De repente, dá-se conta de que não vale a pena esperar tanto por tão pouco, e se acalma, encontra os amigos no bar, volta pra casa bem-humorado. Essa energia represada o professor Sérgio Silva usa para dar aula no curso de Arte Dramática e para exercer o duro mas gratificante ofício de dirigir filmes. Na hora de emitir opinião, ele também é contundente. Exemplo: "Ler Os Lusíadas é ótimo quanto já se está velho. Aos 18 anos, temos que ler algo que esteja mais próximo da gente, como Vidas Secas ou O Tempo e o Vento". O perfil do diretor de Anahy de las Misiones e Noite de São João está na **Página 15**.



## A terceira idade do rock

**Atualidade** Analisando a longa trajetória deste "mestiço que veio do norte", o jornalista José Carlos de Azevedo mostra como o rock sobreviveu às mudanças culturais e políticas das últimas décadas, conquistando cada vez mais adeptos. Enquanto roqueiros com

mais de 60 anos seguem sacudindo o mundo, provando que o gênero não se esgotou, novas gerações de fãs lotam estádios. Visto como um fenômeno multigeracional, o rock fortaleceu sua expressão cultural pela diversidade de formas que assumiu e, hoje, é também a voz da

terceira idade. Apesar da resistência de alguns setores do ambiente acadêmico, multiplicam-se as dissertações, teses e ensaios sobre sua relevância como motor da indústria cultural contemporânea e como elemento positivo de transformação social. **Página 13**

## A origem da intolerância religiosa

**Atualidade** Publicar cartuns ofensivos a Maomé pode causar muito estrago mundo afora. E até mortes, como aconteceu recentemente durante protestos em países muçulmanos. Nada comparável, no entanto, às terríveis condenações do tribunal do Santo Ofício ou às guerras que a intolerância religiosa vem provocando ao longo do tempo. Nem às seqüelas que uma atitude preconceituosa pode deixar na mente infantil. O professor Ari Pedro Oro, do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, diz que a intolerância religiosa é provocada por uma crise muito mais ampla e que, por trás dela, estão outros tipos de intolerância: cultural, econômica, étnica, sexual. Ele também entende que a tendência fundamentalista aparece em todos os contextos religiosos e que, mesmo no Brasil, considerado o país da convivência harmoniosa, existe intolerância. **Página 5**



## Cartas



Recebam meus cumprimentos pelo excelente jornal com matérias que permitem acompanhar a evolução da Universidade, sendo fonte de renovados conhecimentos e abalizadas opiniões.

**Leônia Capaverde Bulla**

Sou arquiteta e resido em Rosário do Sul, distante 400 km de Porto Alegre. Devido a este pequeno e importante detalhe, eu e muitos outros profissionais somos impedidos de fazer cursos de especialização. Por que todos os cursos são ministrados em períodos alongados e não corridos? Sugiro que pensem em algo como uma semana, por exemplo. Profissionais não existem só na capital e arredores.

**Ana Gonzalez**

Envie sua crítica, sugestão ou opinião:  
e-mail: [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br)

## Memória da UFRGS

REPRODUÇÃO / ACERVO CPD



► 1970 Prédio que atualmente abriga o Centro de Processamento de Dados da UFRGS (CPD) foi inicialmente projetado para funcionar como garagem do Hospital de Clínicas

## Espaço da Reitoria

## Reconhecimento

A reportagem da página central do Jornal da Universidade de março (ed. 85), que trata das parcerias entre universidade e empresas, será republicada em dois informativos: no *Jornal da Ciência*, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e no *site* da Altus Sistemas de Informática.



## A pesquisa e sua relação com o cotidiano

O início do ano letivo representa a renovação das idéias, das energias e principalmente do legado da responsabilidade e do conhecimento do presente, olhando para o futuro com convicção plena de inovar a cada momento. Uma sequência de eventos apresentou destaque no âmbito regional, e a participação ativa de nossa instituição nos deixa orgulhosos, cientes do significado que a Educação Superior tem para impulsionar cada vez mais nosso objetivo como Nação soberana. Foi com esse compromisso que participamos ativamente da Agenda Estratégica RS 2006-2020, na qual tivemos

a oportunidade de reafirmar o papel que a UFRGS tem tido na disseminação do conhecimento para atingir o patamar de desenvolvimento do Estado desde o final do século XIX.

Com esta mesma convicção, estamos nos preparando para participar na segunda edição da Globaltech através do esforço coletivo da administração central e das diversas unidades acadêmicas. Com a expectativa de poder mostrar ao público as diferentes pesquisas realizadas no âmbito da Universidade, que beneficiam no dia-a-dia cada cidadão, é que direcionamos nossa participação

de forma a permitir a avaliação da relação intrínseca do nosso cotidiano com pesquisa, desenvolvimento e inovação tecnológica. Nosso envolvimento reforçará a compreensão de que o desenvolvimento tecnológico consistente deve amparar-se em uma forte pesquisa básica, recursos humanos qualificados e liberdade acadêmica. Qualidades que a UFRGS, instituição pública comprometida com a sociedade, permanentemente reitera em seu projeto acadêmico.

**José Carlos Ferraz Hennemann**  
Reitor

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Av. Paulo Gama, 110  
Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS  
CEP 90046-900  
Fone: (51) 3316-7000  
[www.ufrgs.br](http://www.ufrgs.br)

**Reitor**  
José Carlos Ferraz Hennemann  
**Vice-reitor**  
Pedro Cezar Dutra Fonseca  
**Chefe de Gabinete**  
João Roberto Braga de Mello  
**Secretária de Comunicação Social**  
Sandra de Deus

JORNAL DA UNIVERSIDADE  
Publicação da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS  
Fone/fax: (51) 3316-3368  
[www.jornal.ufrgs.br](http://www.jornal.ufrgs.br)

**Conselho Editorial**  
Aron Taitelbaun, César Antonio Leal, Eduardo Pedro Corsetti, Enno Dagoberto Liedke Filho, Luís Augusto Fischer, Marcia Benetti Machado, Maria Heloisa Lenz e Paulo Francisco Estrella Faria

**REDAÇÃO**  
**Editora-chefe**  
Ânia Chala  
**Editor-executivo**  
Ademar Vargas de Freitas  
**Secretária de redação**  
Sandra Salgado  
**Repórteres**  
Jacira Cabral da Silveira e Sonia Torres  
**Projeto gráfico e diagramação**  
Juliano Bruni Pereira  
**Fotografia**  
Flávio Dutra e Ricardo de Andrade  
**Ilustrações**  
José Pedro Bortolini  
**Revisão**  
Israel Pedrosa  
**Colaboraram nesta edição**  
Arlete R. de Oliveira Kempf, Caroline da Silva, José Carlos de Azevedo e Marcelo Spalding  
**Circulação**  
Arthur Bloise  
**Fotólitos e impressão**  
Gazeta do Sul S.A.  
**Tiragem**  
12 mil exemplares

## Artigo



## Trançando e pintando diferenças sociais e cosmológicas

Quem são os povos indígenas atualmente fixados no Rio Grande do Sul? Suas inúmeras dificuldades de toda ordem e os diversos tipos de preconceito que enfrentam na vida diária compõem com frequência nos espaços da mídia regional e mesmo nacional: não-regularização de suas terras e ausência ou carência completa de políticas públicas diferenciadas às suas especificidades socioculturais nos mais diversos âmbitos, apesar dos dispositivos constitucionais que garantem tais direitos. Da mesma forma, todos reconhecemos a imensa e engessada máquina burocrático-estatal que deveria apoiar as ações relacionadas a minimizar tais realidades.

Nesse cenário, também identificamos avanços, especialmente de âmbito regional, através de processos institucionais que optaram acertadamente pela constituição de uma escola qualificada das demandas expressas pelos membros desses povos. Assim, me parece que a pedra de toque está na construção da interlocução com esse "outro", que constantemente o "senso comum" quer continuar negando, pois, e esse é o argumento da negação, no mundo das aparências externas parecem ser todos iguais, homogêneos. Por isso mesmo, justifico o enfoque deste texto: quem são os povos indígenas atualmente fixados no Rio Grande do Sul? Sobre qual diferença estamos falando? Quais são as especificidades socioculturais em relação à nossa sociedade? O que

justifica, além do texto constitucional, políticas públicas diferenciadas?

Para os Kaingang, seus trançados constituem referências visuais claras de sua alteridade em relação à sociedade nacional envolvente e à outra etnia indígena com quem dividem o palco da pluriétnicidade no Rio Grande do Sul, os Guarani. Os trançados expostos não são apenas cestos, mas marcas visíveis da diferença, que fazem parte de um sistema de representações visuais, originados por um tradicional e específico sistema cultural Kaingang – a percepção dual do cosmos, enfatizando e sintetizando sua organização social baseada em duas metades exogâmicas, patrilineares, assimétricas e complementares. Os grafismos, morfologias e posições/espaços considerados compridos, longos, altos, abertos são denominados *téi* e re-

presentam a metade *Kamé*. Já os grafismos vistos como redondos, quadrangulares, losangulares, baixos, fechados são chamados de *ror* e representam a metade *Kainru-kré*, o que indicaria uma ênfase das representações gráficas no ideal de

buscar simetria entre opostos, ou, ainda, de obter fertilidade e eficácia simbólica na união de contrários.

Já os Guarani dão ênfase ao domínio da natureza em suas representações gráficas e manifestações estéticas, tanto num estilo abstrato, geométrico e iconográfico que se faz presente nos grafismos produzidos em vários suportes, como num estilo figurativo que aparece nas esculturas zoomorfas em madeira e nos de-

*Os trançados expostos não são apenas cestos, mas marcas visíveis da diferença*

senhos escolares. Trata-se, evidentemente, de um modo particular, construído cultural e localmente, de conceber o meio ecológico circundante, de atribuir sentido a seus diversos elementos constitutivos, e, principalmente, de estabelecer uma relação controlada socialmente com os do-

mínios da natureza e da sobrenatureza, pelos perigos que representa franquear suas fronteiras interpenetráveis e diluídas. Seus grafismos enfatizam conceitos de uma ecologia simbólica, isto é, de um esquema cultural de percepção e concepção do meio ambiente que aponta para conceitos cosmológicos.

Em outras palavras, a etnoarte Guarani evidencia o domínio da natureza e da sobrenatureza, através da representação de seres primevos: deuses, animais, vegetais e demais elementos do cosmos, com a exclusão da figura humana, de artefatos culturais e outros itens de sua organização social, diferentemente dos povos Jê-Bororo (os Kaingang, por exemplo), priorizando as relações com as divindades, e a inter-relação destas com os domínios da natureza e da sociedade.

**Sérgio Baptista da Silva**  
Professor do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social - UFRGS

## verticalização ■ Política com mais seriedade

O Jornal da Universidade procurou a opinião de dois professores da UFRGS sobre a regra da verticalização das coligações partidárias, que proíbe alianças nos estados entre partidos adversários na disputa para a Presidência da República. No dia 22 de março, o Supremo Tribunal Federal manteve a verticalização, sendo que dois ministros do STF votaram pela derrubada e nove foram favoráveis à manutenção.

O professor de direito constitucional, Eduardo Carrion diz que ninguém ignora que haja uma crise de representação no sistema político. "As denúncias mais recentes com relação às mazelas de nossa vida política, envolvendo a elite política como um todo, independentemente dos partidos, seja governo, seja oposição, apenas acentuaram sua percepção. Nesse contexto, impõem-se, no plano institucional, reformas políticas que dêem maior densidade e realidade à representação. Infelizmente, mas previsivelmente, as iniciativas de modernização da vida política costumam esbarrar na reação corporativa dos partidos e da elite política. Mais: grande parte das propostas nesse sentido sofre um cálculo raso de conveniência, conveniência eleitoral ou partidária e não propriamente institucional de legitimação do sistema político. Por isso mesmo, o pouco que resultou até o momento é pífio com relação à dimensão dos desafios."

Carrion acrescenta: "A isso não escapou o debate em torno da verticalização. O que se revela um elemento de modernização da vida política, além de atender ao desiderato constitucional do caráter nacional dos partidos, esbarrou novamente no cálculo mesquinho do interesse eleitoral ou partidário. A fragilidade da crítica à verticalização ficou patente, por exemplo, através do raciocínio da mera oportunidade arvorado por muitos dos críticos: embora a verticalização pudesse ser objetivo



FÁVIO DUINA

acalentado, não seria ainda o momento de efetivá-la consideradas as características presentes dos partidos. Como se não devéssemos, em face da grandeza dos problemas, começar a enfrentá-los de imediato. Felizmente, a decisão do STF estancou a tentativa, pelo menos para as eleições deste ano. Espera-se, para o futuro, um mínimo de sensatez e prudência por parte de nossa elite política".

Na opinião do professor da Faculdade de Direito e ex-presidente do TRE gaúcho, Marco Aurélio Moreira de Oliveira, depois da "infeliz emenda" da reeleição, mais uma vez o Congresso Nacional mostra sua falta de maturidade política. "Há pouco, num golpe de casuismo interesseiro, aprovou a Emenda Constitucional nº. 52, destinada a quebrar a sadia regra da verticalização, que impedia coligações partidárias regionais colidentes com as coligações

nacionais. Além disso, a emenda criava, para este ano, uma odiosa exceção à regra do artigo 16 da Constituição que veda aplicação de regras modificadoras do processo eleitoral quando promulgadas menos de um ano antes do pleito."

Oliveira considera que o primeiro parágrafo do artigo 17 da Constituição, que fora modificado pela emenda 52, ao quebrar a verticalização harmônica das coligações, demonstra-se contraditório em si mesmo, pois, a par de permitir coligações colidentes com a linha partidária nacional, afronta o disposto em sua própria redação, que dispõe

devam seus estatutos estabelecer normas de disciplina e fidelidade partidária. "Sem dúvida, a permissão de alianças regionais, ofensivas às do panorama nacional, atinge a ideologia constitucional de ser obrigatória a fidelidade e a disciplina partidárias, essenciais ao

fortalecimento das agremiações e à preservação de seu caráter nacional, como salienta a Lei Maior. Além disso, a incoerência nas coligações servirá para aturdir os eleitores, desencantados pela política de casuismos interesseiros."

O professor diz que, felizmente, no dia 22 de março, o STF, por nove de seus ministros, entendeu que a emenda 52 não era eficaz para desfazer a regra da anualidade mínima para se alterar o processo eleitoral. "Em consequência, mais coerente serão as eleições de 2006, impedida que está a celebração de alianças regionais conflitantes com as de caráter nacional. No entanto, vale uma última observação: a malsinada alteração do parágrafo primeiro do artigo 17 da CF será válida para os próximos pleitos eleitorais. No entanto, acreditamos ser possível que o Congresso venha a revisar a emenda 52, reeditando a saneadora regra original destinada a fortalecer e unificar os partidos, observando seu caráter nacional."

**No plano institucional, esperamos reformas que dêem maior realidade à representação**



### campus saúde ■ Mudanças adequadas

A Gráfica da Universidade passou por duas alterações significativas: mudou de endereço, funcionando em novo prédio, na rua Ramiro Barcelos, 2.500, Campus Saúde; e passou a ser de responsabilidade da Secretaria de Comunicação Social

(Secom), coordenada pela jornalista Sandra de Deus. Enquanto isso, o Restaurante Universitário do Campus Saúde saiu do Instituto de Psicologia para funcionar no prédio da Gráfica. Nas novas instalações, o RU ganhou mais 280 lugares, podendo servir até 1,2 mil refeições. Com esta alteração, a Psicologia ganhará espaço para uma nova biblioteca.



O mestre-de-obras do novo prédio, Oswaldo Santos (C), o secretário Ângelo Silva (E) e o vice-secretário de Assuntos Estudantis, Adão Lopes (D)

### geografia ■ Projeto Alfa

Pesquisadores do Laboratório do Espaço Social – com a participação do Centro de Estudos Costeiros, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Geografia/Análise Territorial da UFRGS – passam a contar, a partir deste semestre, com o Programa Alfa – América Latina Formação Acadêmica, com recursos da Comissão Europeia. O grupo integrou-se a um conjunto de universidades sul-americanas e europeias na rede

Atlântico Sul, formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidad Nacional de La Plata, Universidad de la República, Université Paris III, Universidade Nova de Lisboa e a Università degli Studi del Piemonte Orientale Amadeo Avogadro. A Rede destina-se a desenvolver estudos, pesquisas e mobilidade acadêmica sobre políticas públicas e pode ser consultada no site [www.redesul.ufrj.br](http://www.redesul.ufrj.br).

### integração ■ Medicina e SUS

A Faculdade de Medicina da UFRGS foi selecionada pelo Programa de Reorientação da Formação Profissional (Pró-Saúde), do Ministério da Saúde, e vai receber R\$ 1,2 milhão, destinados a melhorar a integração entre a Faculdade e o Sistema Único de Saúde. "Vamos reforçar o conhecimento em atenção básica, sem prejuízo da pesquisa tecnológica e pura", destaca o diretor da Faculdade, Mauro Czepielewski, acrescentando que a Secretaria Municipal da Saúde, através do secretário Pedro Gus, teve importante

participação nessa conquista. Os recursos irão viabilizar maior interação com os serviços públicos de saúde na avaliação de protocolos clínicos, além de maior inserção do aluno de Medicina na rede pública de saúde. A Famed vai incrementar pesquisas epidemiológicas para inovação no SUS, principalmente na prevenção e tratamento de diabetes *mellitus* e hipertensão arterial. Será desenvolvido um Programa de Educação Médica para médicos do SUS, em especial os que trabalham em Programas de Saúde da Família.

### Breves

#### Concurso

A Pró-reitoria de Pesquisa lançou concurso para a identidade visual do XVIII Salão e XV Feira de Iniciação Científica da UFRGS. As inscrições vão até 11 de abril, e o regulamento pode ser consultado no site [www.ufrgs.br/propeq](http://www.ufrgs.br/propeq). Informações pelo fone 3316-4102.

#### Sala Redenção

No final de março voltou a funcionar, totalmente reformado, o cinema universitário Sala Redenção. Esse espaço cultural conta agora com uma tela cinematográfica, rampa de acesso, dois assentos para obesos e dois espaços para cadeirantes. Além disso, a Sala foi pintada, teve o carpete trocado e recebeu portas internas.

#### Arquitetura

Professores do Brasil e do exterior estiveram na Faculdade de Arquitetura para debater a Iluminação do Espaço Público, com ênfase na Integração dos Sistemas de Iluminação Natural e Artificial. Para o professor de Urbanismo, Juan Mascaró, um dos problemas é a maneira como são feitas as podas das árvores: a ocupação maior é com a parte elétrica, deixando de lado a vegetação. Segundo ele, as árvores também sofrem com o tipo de iluminação, que pode produzir modificações em seus códigos genéticos.

#### Vestibular

A Coperse divulgou a lista de leituras obrigatórias para a prova de Literatura e Língua Portuguesa no vestibular de 2007. A relação é composta por 11 autores: Luís de Camões, Cantos de I a V, os Lusíadas; Castro Alves, Espumas flutuantes; José de Alencar, Iracema; Machado de Assis, Quincas Borba, O alienista, Um homem célebre, Conto de escola, Noite de almirante, e Uns braços; Eça de Queiros, O crime do padre Amaro; Cecília Meireles, Romanceiro da Inconfidência; Dyonélio Machado, Os ratos; Érico Veríssimo, O arquipélago; Guimarães Rosa, Primeiras histórias; Clarice Lispector, Laços de família e Josué Guimarães, Camilo Mortágua.

#### Preferência

A UFRGS é a marca mais lembrada, na categoria ensino superior, na oitava edição da pesquisa Marcas de quem decide, elaborada pelo Jornal do Comércio e QualiData. O estudo apresenta as marcas mais lembradas e preferidas de empresários, executivos e profissionais do estado em 100 categorias de produtos, serviços e empresas.

#### Ceitec

Por indicação do ministro de Ciência e Tecnologia, Sérgio Rezende, e aprovação unânime do Conselho Administrativo, o professor Sérgio Bampi, do Instituto de Informática e vice-presidente da SBMicro, foi escolhido para ser diretor-técnico do Centro de Excelência em Tecnologia Eletrônica Avançada (Ceitec). O trabalho inicial do Centro está ocorrendo em um espaço cedido pela UFRGS, no Campus do Vale, e também na PUCRS.



## PESQUISA INFLUENCIA VOTO?

Quantas vezes você se perguntou se as pesquisas de intenção de voto tinham alguma, pouca ou muita influência sobre a escolha do eleitor brasileiro na hora de votar? Ou, quantas vezes você ficou indignado, pensando no quanto uma pesquisa dessas poderia mudar o rumo de uma eleição? Mas será mesmo que as pesquisas eleitorais são capazes de influir no voto? E, se isso for verdadei-

ro, que efeito pode ter no processo democrático brasileiro? Essas perguntas têm respostas efetivas. No Debates deste mês, o Jornal da Universidade procurou a palavra de dois professores do Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. A professora Céli Regina Jardim Pinto é direta na resposta. Ela acha que as pesquisas de intenção de voto

influenciam, sim, o eleitor, e que isso é bom para ele. E vai além: ter medo de qualquer tipo de influência no voto do eleitor seria uma atitude elitista. Céli não acredita que as pesquisas possam levar o eleitor a votar no candidato que estiver em primeiro lugar na intenção de voto.

Por seu turno, o professor Benedito Tadeu César diz que são inúmeros os condi-

cionantes do voto, mas conclui que, ao contrário do que muitos crêem, nem o eleitor brasileiro é mais subdesenvolvido que os eleitores dos demais países, nem as pesquisas de intenção de voto têm tanto peso na definição do voto dos brasileiros. Mas ambos consideram que as pesquisas eleitorais são uma fonte importante de informação para o eleitor.

### Essa influência é boa para o processo democrático

Céli Regina Jardim Pinto

Professora do Departamento de Ciência Política do IFCH

Sim, a pesquisa eleitoral influencia o voto e isto é bom para o eleitor, para os candidatos e para o processo democrático. O medo de qualquer tipo de influência no voto do eleitor brasileiro está relacionado a duas posições: a primeira diz respeito aos preconceitos elitistas que o senso comum tem em relação ao povo; a segunda concerne à construção imaginária de um eleitor perfeito votando em um candidato perfeito. Como decorrência disto, cria-se a ilusão de que no dia em que homens e mulheres probos forem eleitos por eleitores conscientes e capazes de avaliar com total independência todos os candidatos para eleger o melhor, estaremos frente a uma democracia perfeita. Mas isto é um grande equívoco, pois tal situação, no limite, pode levar a que todos encontrem o mesmo candidato para votarem e poderemos estar não vivendo o momento áureo do processo democrático, mas uma situação de engodo, ou até um ensaio de totalitarismo.

Defender a idéia de que as pesquisas eleitorais são malélicas porque influenciam o voto é partir de uma postura elitista que pretende proteger um eleitor indefeso, que não saberia votar. Infantiliza-se o eleitor e este é um outro problemático erro. Após o processo de redemocratização, o eleitor brasileiro mostrou surpreendente maturidade, para um povo que viveu 25 anos de regime militar. Ele comparece maciçamente às urnas, um número significativo assiste ao programa eleitoral gratuito e, apesar da campanha contra feita pelos grandes órgãos de imprensa, promove uma salutar alternância nos altos cargos executivos. O eleitor tem feito sua parte e culpá-lo pela corrupção endêmica das elites governantes deste país é, no mínimo, uma grande injustiça.

Se o argumento acima faz sentido, outra questão que se coloca é a da natureza da influência. Poder-se-ia dizer que o eleitor vota a partir de uma cesta de influências que comporta: influências partidárias, ideológicas, familiares, de amigos, de igrejas, de colegas de trabalho, de ídolos de televisão, do programa eleitoral, da internet, das leituras, de interpretações das notícias e da pesquisa eleitoral, entre outras. O peso de cada uma delas e a forma como serão recebidas e processadas pelos eleitores varia enormemente, mas, *grosso modo*, podemos dividi-las em dois grupos. O primeiro envolve influência por razões de confiança e relações interpessoais: “voto neste partido porque é o de minha família” ou “voto no candidato X porque Y vai votar nele e eu confio em Y”. Um segundo grupo é o que deriva da informação, e a pesquisa eleitoral é um tipo de informação importante para o eleitor, pois quanto mais bem informado ele estiver, maior será a possibilidade de ser influenciado por questões mais concretas e reais e menos emocionais e pessoais. E quando se fala em informação é importante ter presente que não se está pensando que há uma informação correta que seria a boa informação, mas que a boa informação é o máximo de informação

*Culpar o eleitor pela corrupção das elites governantes é uma grande injustiça; ele tem feito a sua parte*

possível. Isto poderá confundir o eleitor? Certamente, mas este é um risco que a democracia não pode deixar de correr.

A crítica mais comum à influência das pesquisas eleitorais refere-se a fato de que o eleitor teria a tendência a votar em quem aparecer nos primeiros lugares. Muitos exemplos contrariam esta idéia. A surpreendente vitória de Rigotto para o governo do Rio Grande do Sul em 2002, que começou nas pesquisas com pouco mais de 3%, talvez seja o mais contundente. Mas vale examinar, ainda que rapidamente, as pesquisas eleitorais de 2002 para a Presidência da República: em julho daquele ano o Instituto Datafolha publica pesquisa em que Lula tem 33% dos votos e Serra 16%, mas o que chama a atenção é o crescimento de Ciro Gomes, que aparece com 28% dos votos, em uma trajetória ascendente. Neste momento, ele não só ameaça seriamente Serra como candidato ao segundo turno, mas a própria liderança de Lula. Depois de dois meses de campanha e de muitas pesquisas, a curva ascendente de Ciro muda completamente e a pesquisa divulgada em setembro pelo mesmo instituto aponta Lula com 44%, Serra com 19% e Ciro com 13%, menos da metade das intenções de voto da pesquisa de julho.

Portanto, cabe desmistificar a pesquisa eleitoral. Ela é uma informação entre outras e é muito bem-vinda. Quanto à influência esta também é uma entre muitas e, como tal, deve servir para ser contraposta a outras. ■

### Na hora de votar, o brasileiro não é subdesenvolvido

Benedito Tadeu César

Professor do Departamento e do PPG em Ciência Política

São inúmeros os condicionantes do voto e há uma imensa literatura acadêmica sobre o tema, que não aponta, entretanto, um fator explicativo capaz de dar conta, cabalmente, da questão.

No Brasil, o conhecimento vulgar, parcela expressiva da imprensa e, ainda, muitos analistas pseudo-especializados têm se esmerado em afirmar que assistimos a algo que se convencionou chamar de “subdesenvolvimento do voto”. Ou seja, que nossos eleitores são movidos por sentimentos e posicionamentos irracionais em escala mais acentuada do que nos países de democracia avançada.

Os curtos períodos democráticos, que impediram a consolidação de identidades partidárias sólidas entre nós, a desigualdade de renda e a miséria, com a consequente baixa escolaridade e o reduzido acesso às fontes de informação, teriam produzido um eleitorado que se move muito mais por sentimentos e impulsos do que por avaliações racionais.

Neste universo, as pesquisas eleitorais teriam força decisiva na formação do voto do eleitor médio. Movido pela emoção, desejoso de “não perder o voto”, tal eleitor seria presa fácil das pesquisas de intenção de voto, pois tenderia a votar, com certa facilidade, no(s) candidato(s) com maior chance de vencer o(s) pleito(s).

As pesquisas acadêmicas consequentes têm evidenciado, no entanto, que nem o eleitor brasileiro é mais “subdesenvolvido” do que os demais nem as pesquisas de intenção de voto têm peso determinante na definição do voto dos eleitores no país ou alhures.

O eleitor muito bem informado, essencialmente racional e sofisticado na definição de seu voto é figura quase de ficção, tanto no Brasil quanto nos países

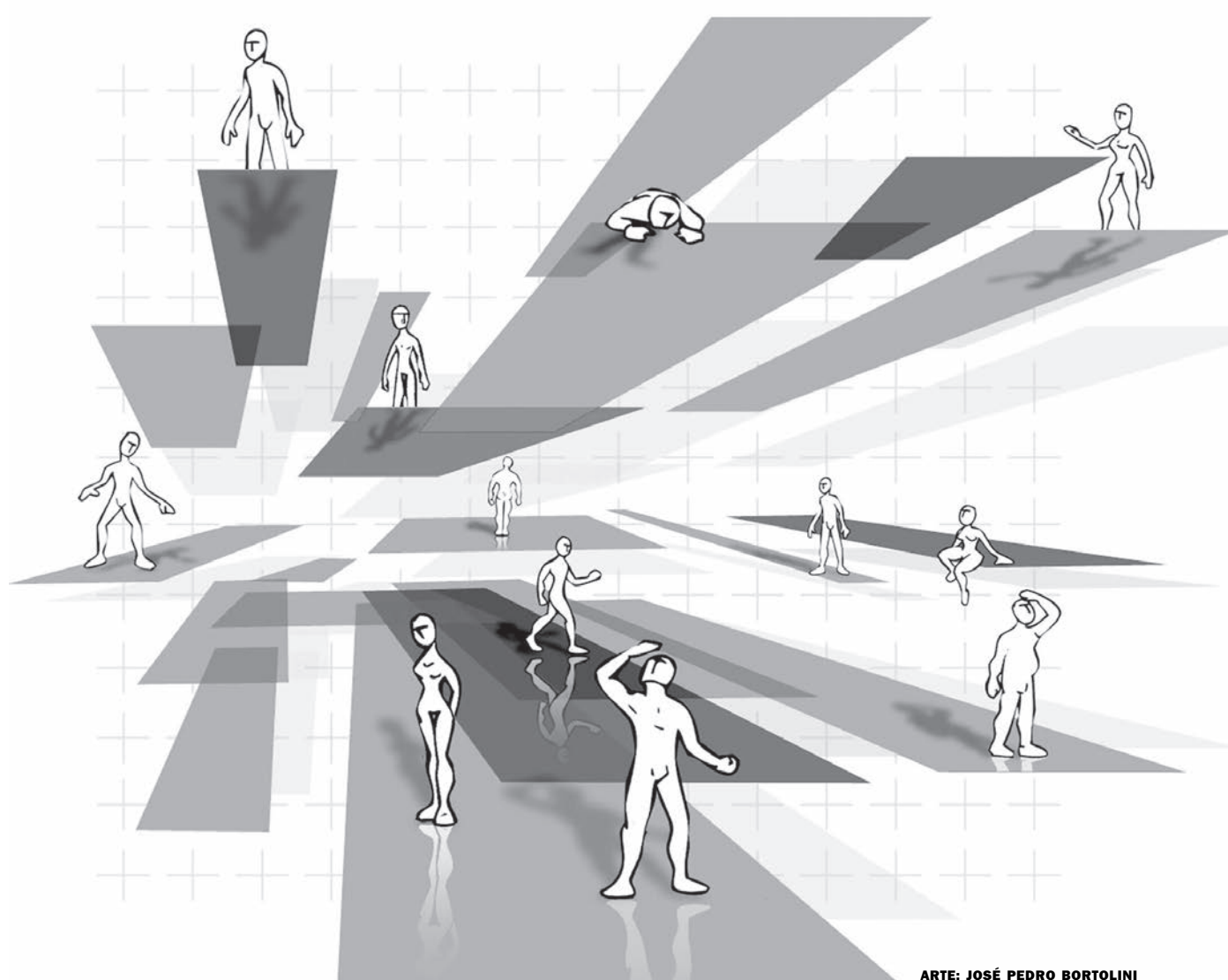
*O eleitor muito bem informado é figura quase de ficção, tanto no Brasil quanto nos países de democracia consolidada*

de democracia consolidada. Não ultrapassa os 25%, em parte alguma do mundo democrático. A maior parte dos eleitores, não dispondo de recursos e de tempo para uma avaliação sistemática e exaustiva dos fatos políticos, tende a simplificar sua atuação, utilizando-se de atalhos para a definição de seu voto.

Esses “atalhos” sintetizam análises, reduzindo seu custo. Tratam-se das opiniões de pessoas confiáveis, que podem ser desde meros conhecidos a analistas políticos de renome; a satisfação do próprio eleitor com o desempenho do governo e com a situação econômica do país; a imagem do(s) candidato(s) e de seu(s) partido(s), envolvendo fatores como honestidade, credibilidade e competência.

As pesquisas eleitorais são uma fonte importante de informação sintética. Elas permitem ao eleitor identificar, com extrema facilidade, o grau de confiabilidade conquistado pelo(s) candidato(s) frente ao conjunto do eleitorado. Além disso, quando honestas, elas possibilitam avaliar, com uma margem considerável de segurança, a chance de um candidato se eleger, permitindo ao eleitor engrossar a coluna de seus votantes, em caso de concordância com a opinião geral, ou, em caso de discordância, (re)direcionar seu voto para um adversário que, independente de constituir uma escolha prioritária, tenha condições de impedir a vitória do candidato considerado favorito até ali.

As pesquisas de intenção de voto dotam o eleitor de melhores condições para a definição de seu voto e exatamente por isso, como todos os instrumentos de campanha eleitoral, devem também ser submetidas a regulamentações e restrições. Proibi-las, no entanto, às vésperas das eleições, como prevê medida já aprovada na Câmara Federal e agora em trâmite ao Senado, privará o eleitor de informações seguras sobre as variações nas intenções de voto e abrirá margem para as especulações e as distorções. As pesquisas continuarão a ser realizadas e, já que estarão impedidas de ser divulgadas de acordo com as normas legais, serão, muito provavelmente, “vazadas” conforme os interesses particulares e nem sempre transparentes de candidatos, partidos, empresas de comunicação social e demais grupos de interesse. ■



# Fundamentalismo, um fenômeno mundial

**Religião** Professor de Antropologia diz que a intolerância religiosa é provocada por crise muito mais ampla

**Ademar Vargas de Freitas**

A intolerância é uma atitude de ódio sistemático e agressividade irracional contra indivíduos e grupos específicos, sua maneira de ser, seu estilo de vida, suas crenças e convicções. Essa atitude genérica pode ter manifestações múltiplas, de caráter religioso, nacional, étnico e outros. Segundo o professor Ari Pedro Oro – do Departamento de Antropologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS – a intolerância religiosa se forma dentro de uma perspectiva fundamentalista, enaltecendo e reconhecendo como único e verdadeiro o próprio conjunto de crenças e valores, com tendência a desqualificar e rejeitar qualquer outro sistema de crenças.

“O campo religioso é um campo privilegiado de expressividade de intolerância, mas tem, como substrato básico, outras intolerâncias que fluem por ele. Em geral, quando há uma expressão coletiva de intolerância religiosa, não se trata somente disso, mas também de intolerância cultural, étnica, racial, sexual.” Para o professor, não há religião que não tenha facções internas, logo, a tendência fundamentalista está em todos os contextos religiosos. Dela fazem parte indivíduos que tendem a afirmar as origens e fundamentos da religião, e a tomar o sistema religioso como um bloco mais ou menos unívoco e monolítico e que deve permanecer assim ao longo do tempo, independentemente da história.

“A religião é um sistema de crenças e valores sobre os quais os indivíduos e as coletividades encontram referenciais para existir e para pautar seu comportamento. Durante algum tempo, na história do Ocidente, a política e a religião estiveram juntas. O fenômeno do Iluminismo, que marca o advento da Modernidade, no século XVIII, é uma luta para separar esses dois campos.”

Oro diz que análises têm mostrado que esse tipo de retorno ao passado, de reafirmação dos fundamentos, ocorre no contexto social quando está em jogo uma certa crise de identidade, que pode ser cultural, étnica, social ou econômica, e que vai tomar a religião como um motivo para resolver a questão. Ele observa que existe, atualmente, no mundo, uma certa perda de valores em função da crise das ideologias, sejam filosóficas ou políticas. E que isso provoca uma tendência a retornar àquilo que historicamente foi familiar às sociedades e culturas, que é o campo religioso.

“Para a solução das insatisfações, inseguranças, ansiedades, se aciona Deus. Obviamente, isso se dá num



A linguagem religiosa é mais familiar e, portanto, mais facilmente compreendida

contexto de competição, concorrência e disputa. E é por isso que as grandes religiões – cristianismo, judaísmo e islamismo – estão vendo esse retorno ao fundamentalismo. É algo da nossa época, de um mundo globalizado: as grandes tradições religiosas estão sendo tomadas pelo fundamentalismo.”

O que, segundo ele, não significa crise religiosa. Está em jogo não somente – e muitas vezes nem principalmente – pessoas defendendo suas crenças religiosas. “A crise é muito mais ampla e repercute no campo religioso. Talvez as pessoas entendam mais facilmente a linguagem religiosa, que é mais familiar.”

#### **País da harmonia?**

– O professor Ari Pedro Oro diz que, embora a construção do mundo religioso de cada um possa ser sincrética – um pouco de catolicismo, um pouco de espiritismo, de umbanda, de nova era etc. – há uma matriz que vai lhe dar identidade. “No Brasil, considerado o país da convivência harmoniosa das religiões, diariamente temos exemplos de intolerância. Como nas palavras e ações das igrejas pentecostais contra as religiões afro-brasileiras e até contra a Igreja Católica. Então, não dá para generalizar, dizendo que o Brasil é o país da harmonia religiosa, mas também não se pode dizer que é o

país da guerra religiosa: ambas as situações estão presentes.”

**Nosso time é melhor** – Uma das causas da intolerância está na própria natureza humana, afirma o cientista político Sérgio Paulo Rouanet em artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo, a 9 de fevereiro de 2003. Ele acha que tendemos a nos identificar com o grupo a que pertencemos e que passa a significar a soma de todas as perfeições que o ego narcísico encontrava em si mesmo.

Em compensação, odiamos tudo o que está do lado de fora, idealizamos nossos valores, nossas realizações – e depreciamos os do grupo rival. Sobrevalorizamos nosso grupo – e somos intolerantes com a alteridade.

### *A tendência fundamentalista está em todos os contextos religiosos*

Segundo Rouanet, a intolerância religiosa – desconhecida na Antiguidade clássica, que era politeísta e, portanto, hospitaleira aos deuses de outras nações – apareceu com o advento do cristianismo, que afirmava a existência de um só Deus e de uma só revelação para a humanidade inteira. Mas, as medidas de intolerância ativa começaram no século XIII, quando o papa Gregório IX criou um tribunal especial destinado a reprimir a heresia, dando origem à chamada Inquisição, que resultou no sacrifício de milhares de pessoas.

No período moderno, caracterizado pela formação e consolidação dos estados nacionais, a intolerância religiosa assumiu formas especialmente virulentas, porque se julgava que a solidez do poder absoluto do rei dependia da aplicação do princípio de que a religião do povo deveria ser a religião do príncipe. Na época atual, quando a intolerância religiosa parecia superada – apesar da ocorrência de fatos isolados – ela retorna sob a forma do fundamentalismo.

**Um silêncio assustador** – O presidente do Movimento de Defesa dos Direitos Humanos, Jair Krischke, diz que as religiões, embora preguem a fraternidade, na prática, agem de maneira antagônica ao conteúdo que pretendem confessar. “Me parece que os líderes religiosos têm que rever sua pregação, têm que vir à frente e dizer se esses comportamentos são compatíveis com a fé ou não. Mas, ao contrário, nesse sentido, há um silêncio assustador.”

Jair esteve com alguns participantes do Congresso Mundial de Igrejas, realizado recentemente em Porto Alegre, e achou que eles foram muito prolixos, mas não sobre essa questão. “Falaram de vida externa, que consideraram impagável, mas não sobre intolerância religiosa. Estiveram aqui representantes de 384 igrejas cristãs.”

Desde pequeno, Jair conviveu com a discriminação religiosa. A Segunda Guerra Mundial recém tinha acabado, quando ele, sendo de família anglicana, teve que estudar numa escola católica, onde foi duplamente discriminado. Primeiro pelos coleguinhas, por ser “alemão”, embora os pais tivessem nascido no Brasil. Depois, pelos padres, que o consideravam condenado ao inferno por não ter sido batizado na Igreja.

“Ser alemão era o inferno, a pior coisa do mundo. Afinal, os alemães haviam sido os mentores e executores de uma tragédia para a humanidade. Mas aquilo era incompreensível para mim: eu não sabia o que era ser protestante, nem o que significava ser descendente de alemão na metade do século XX. Hoje me dedico a combater qualquer tipo de discriminação.”

### **Turbante em forma de bomba**

No dia 30 de setembro de 2005, o jornal dinamarquês de centro-direita Jyllands-Posten publicou 12 cartuns representando o profeta Maomé. O fato, considerado como heresia, provocou uma onda de protestos em países muçulmanos, resultando em conflitos com a polícia, nos quais várias pessoas perderam a vida. Segundo o editor cultural do jornal, os cartuns foram publicados como comentário ao fato de o escritor dinamarquês Kare Bluitgen não ter conseguido um ilustrador para seu livro infantil sobre o profeta.

No entanto, os cartuns não se limitaram à questão da liberdade de expressão ou da representação de Maomé: um deles mostra o profeta com um turbante em forma de bomba, associando a religião muçulmana a atos de terrorismo. Esses cartuns deram origem a protestos não apenas porque violam o princípio de vertentes do islamismo de não retratar o profeta para impedir a idolatria, mas também por incorporarem preconceitos contra o mundo islâmico. Às críticas de natureza puramente religiosa, somaram-se outras que observam que os cartuns não são apenas um exercício de crítica laica, mas são também uma manifestação de preconceito e intolerância religiosa.

No dia 4 de fevereiro deste ano, outro jornal dinamarquês, Politiken, informou que, três anos antes, o Jyllands-Posten havia recusado a publicação de uma série de cartuns que ironizavam a ressurreição de Cristo, concebida pelo artista Christoffer Zieler, alegando que a publicação ofenderia os leitores. Essa notícia reforçou a opinião de parte da imprensa dos países muçulmanos de que uma ironia semelhante dirigida ao cristianismo, e sobretudo ao judaísmo, não seria tolerada.

## SEMINÁRIO

Diagnóstico da Pesquisa na UFRGS

27 de abril de 2006  
9h - 18h Salão de Atos - sala2

ARTE: ROSÂNE VIEIRA



UFRGS  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

pro.pesq



# Globaltech: teoria na prática

**Pesquisa** Universidade participa apostando em projeto temático

**Caroline da Silva**

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul vai à segunda edição da Globaltech - Feira de Ciência, Tecnologia e Inovação, fiel ao seu compromisso de instituição pública, levando à sociedade o conhecimento produzido dentro de seus muros. O secretário de Desenvolvimento Tecnológico (Sedetec), professor Ricardo Ayup, diz que o objetivo de apresentar os resultados das pesquisas desenvolvidas advém do fato da maior parte das pessoas reconhecerem a instituição apenas pelo ensino: "Para chegar a esse desenvolvimento tecnológico, é necessária uma base enorme no ensino, na pós-graduação e na pesquisa".

Juntamente com as secretarias de Patrimônio Histórico e de Comunicação Social e a Pró-reitoria de Pesquisa, a Sedetec prepara a apresentação dos trabalhos, que reúnem 20 unidades da Universidade em quatro estandes da Feira. Diversos trabalhos, interdisciplinares ou não, estarão inseridos num projeto temático único, que Ayup não revela ainda: "O segredo é o projeto temático, como o samba-enredo de uma escola de samba". Os estandes terão painéis visuais e recursos audiovisuais, para facilitar o entendimento das pesquisas e tornar esse conhecimento o mais interativo possível.

A idéia é expor ao público a relação entre o que a Universidade faz e o que beneficia as pessoas, afirma o secretário, que lamenta o fato de que as pessoas desconheçam, por exemplo, que o teste do pezinho é realizado pela Faculdade de Farmácia da Universidade, ou então que a Agência Nacional do Petróleo destinou à UFRGS os testes de qualidade de combustível dos postos de gasolina do estado: "Cuidamos do combustível no Rio Grande do Sul a serviço da sociedade gaúcha, faz parte de nossa função social".

A questão da matéria-prima e a produção de biodiesel, proposta que compete à Faculdade de Agronomia, Escola de Engenharia e Instituto de Química, é outro projeto que pode ser conferido pelos visitantes da mostra. Conforme o titular da Sedetec, a Agronomia da UFRGS detém cerca de 47 patentes, que já chegam às plantações em condição de cultivo: "Assim como existe a soja da Monsanto, nós temos um primo-



Para Ricardo Ayup, a feira é uma oportunidade de divulgação

FLAVIO DUINA

ramento enorme na área do trigo e nas variedades de aveia". Ricardo Ayup destaca ainda que o Centro de Patologia Aviária da Faculdade de Veterinária tem condições de fazer exames de processos imunológicos para definir as características da gripe aviária.

A UFRGS tem uma escola centenária, consolidada na pesquisa: "São mais de 100 anos de história, mais de 50 anos de pesquisa; com indicadores atualmente acima da média nacional", enfatiza. Para ele, a Globaltech é uma oportunidade de divulgar que a Universidade domina a tecnologia na prática, e não somente na teoria: "A população costuma ver a tecnologia como algo distante de seu cotidiano, e vamos mostrar que os avanços estão presentes em seu dia-a-dia". É importante para a universidade pública participar de uma feira como essa, por seu compromisso com a sociedade, embora seja necessário muito investimento: "Que a comunidade e a imprensa possam reconhecer esse mérito nosso de participar em condições não-favoráveis", explica Ayup, lamentando a falta de recursos, mas torcendo pela visibilidade.

A Feira tem um espaço especialmente destinado às crianças, é o Globalkids, uma grande *lan house* com jogos eletrônicos, Internet monitorada e uma mesa digitalizadora para desenhos. Pensando nas crianças, uma vez que a mostra tem muitas visitas escolares agendadas, a UFRGS também oferecerá atrativos para elas, especialmente na área de informática e robótica. "Com a participação de pedagogos, estamos procurando uma forma lúdica de mostrar como a ciência é também brinquedo", afirma o secretário. Na edição passada, a maior parte do público era constituída por alunos de instituições de ensino, o que aumenta a responsabilidade da Universidade, de acordo com Ayup: "Os estudantes reconhecem a nossa grandiosidade, e despertamos cada vez mais o interesse de ingresso nessa grande instituição pública".

A Globaltech - Feira de Ciência, Tecnologia e Inovação será realizada de 23 a 28 de maio, no Centro de Exposições da Fiergs.

\*Jornalista, formada pela Fabico/UFRGS

## Queda do dólar alavanca importações na UFRGS

**Logística** Seção de Importação auxilia pesquisadores na aquisição de materiais do exterior

**Sonia Torres**

Demandas de materiais e equipamentos importados destinados a pesquisas científicas na UFRGS são atendidas pela Seção de Importação (Seimport), vinculada ao Departamento de Compras da Pró-reitoria de Planejamento e Administração. De acordo com o chefe da Seimport, Sérgio Oscar José Ribeiro, o número de solicitações tem aumentado em função da baixa do dólar. Para 2006, a previsão de cotas destinadas pelo CNPq às importações da UFRGS é de US\$ 1,6 milhão.

A seção, que tem cinco servidores, é responsável pela realização de importações amparadas em projetos estritamente de pesquisa, aprovados por agências de financiamento como a Capes, a Finep e o CNPq. Ela dá suporte e acompanhamento aos professores-pesquisadores, tanto na documentação exigida quanto no desembaraço alfandegário.

De 60% a 70% das importações feitas pelo setor são isentas de impostos pela lei 8.010, o que significa uma redução de 50% no valor da importação comum. O material importado é composto por equipamentos, doações de outros países, principalmente para as pesquisas na área da genética de animais (ratos e camundongos).

Neste ano, o grupo de importações mais destacado é o da Escola de Educação Física (Esef), que está trazendo equipamentos esportivos da França, no valor de US\$ 79 mil. Também se destacam as importações relacionadas ao Projeto Antar (Proantar), que municia as expedições para a Antártida, incluindo a última, ocorrida em convênio entre o Chile e o Brasil. Recentemente, foram compradas seis motos-de-gelo, que estarão disponíveis na próxima expedição.

**Suporte técnico** - A Seimport dá consultoria para o Importa Fácil Ciência, o mais novo serviço internacional dos Correios, criado em articulação com o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), por meio do CNPq, em parceria com os ministérios da Fazenda e do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, através da Receita Federal e da Secex.

Também podem ser importados partes de equipamentos, peças de reposição, acessórios, matérias-primas e produtos intermediários, destinados a dar suporte às atividades de pesquisa científica e desenvolvimento tecnológico. Nesse sistema, o professor-pesquisador credenciado ao CNPq solicita via Internet, aos Correios, que realize a importação. A Seção também dá suporte técnico ao professor, auxiliando-o no credenciamento e, se solicitado, acompanhando o trâmite do processo até sua finalização.



Conforme Sérgio Ribeiro, a Seimport oferece consultoria para a importação de produtos químicos ou perecíveis, que requerem atenção especial e chegam através da Anvisa. Nesse caso, os professores são cadastrados como gestores de segurança, para depois fazerem a solicitação de remessa do exterior.

Para proceder ao cadastramento junto à Anvisa, o professor-pesquisador deve comparecer à Seimport e preencher documento de gestor de segurança. A guia de recolhimento único (GRU) da União, gerada pela seção, é enviada via fax para São Paulo, e a liberação pela Alfândega ocorre em dois dias úteis. Dependendo do material, a importação leva de um mês a um mês e meio para ser efetuada, ficando a cargo do exportador. O material é, então, desembaraçado na Alfândega e entregue.

### Vitrine dos periódicos

As publicações aqui divulgadas podem ser adquiridas nas Livrarias da UFRGS



**Análise Econômica**  
Nº44, ano 23  
Setembro de 2005

A revista *Análise Econômica* nº 44 contém 12 artigos que tratam de temas diversos relacionados à questões econômicas. Um dos artigos que certamente vai interessar os não-especialistas é o dos professores José Carrera Fernandez e Luiz Fernando Lobo, que investiga os aspectos envolvidos nos índices de criminalidade na região metropolitana de Salvador. Utilizando a teoria econômica do crime, os pesquisadores mostram que a melhoria dos níveis de eficiência da educação e a redução da concentração de renda são fatores que contribuem para a reduzir a atividade criminosa. Outro texto que poderá ser apreciado pelos fãs do esporte mais popular em nosso país é o intitulado "Uma análise econométrica do futebol brasileiro", dos economistas Ari Francisco Araújo Jr., Cláudio D. Shikida e Leonardo M. Monasterio. Os autores sustentam que o bom desempenho dos times está relacionado não apenas à qualidade de seus jogadores, como também a fatores econômicos e políticos. As estimativas mostram, por exemplo, que um aumento no PIB real *per capita* gera um aumento na probabilidade de sucesso de um time.

Revista semestral publicada pela Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS  
Editor: Sérgio Marley Modesto  
R\$ 20



**Horizontes Antropológicos**  
Nº24, ano 11  
Jul/dez 2005

Este número contém nove artigos que investigam a visibilidade e o espaço de interlocução conquistados pelo termo performance na literatura antropológica internacional. Conforme destaca

a organizadora da publicação, "a inserção do termo no vocabulário cotidiano do brasileiro para expressar desde o bom desempenho de uma máquina, de um político ou de uma atividade burocrática até a qualidade artística de um ator, de um cantor ou de uma banda de rock, bastaria para enfatizar a pertinência do olhar antropológico sobre tal fenômeno". Grande parte dos textos têm como ponto de partida os estudos teóricos e etnográficos da performance desenvolvidos pelo antropólogo americano Victor Turner. Um dos artigos, da antropóloga Luciana Hartmann (UFRJ), mostra como as narrativas orais, transmitidas pelos narradores de "causos" na fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai, transgridem limites políticos e, ao circularem entre as regiões vizinhas, vão revelando, identidades, tradições, sentimentos, e desempenhando um papel fundamental na cultura.

Revista semestral do Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS  
Organização: Maria Elizabeth Lucas  
R\$ 12

# Ganhando experiência fora da sala de aula

**Oportunidades** Programas de bolsas em pesquisa e extensão propiciam aprendizado mais qualificado

**Sonia Torres**

Universidade não é apenas sinônimo de ensino de graduação. É, também, o lugar onde o estudante pode interagir com outras instâncias do aprendizado, como a pesquisa e a extensão. Com esse objetivo, a UFRGS disponibiliza, anualmente, seus programas de bolsas, acessíveis a todos os alunos que desejam agregar conhecimentos, enquanto prestam serviços à comunidade científica e à sociedade. As Pró-reitorias de Pesquisa (Propesq) e de Extensão (Prorext) publicam, no início do ano, editais que visam à inscrição em projetos, com oferta de vagas para alunos-bolsistas.

De acordo com Cláudia Oliveira, da Assessoria a Projetos da Pró-reitoria de Extensão, todos os anos são oferecidas 214 bolsas, no valor de R\$ 180 reais, para ações extensionistas. Os alunos-bolsistas atuam sempre sob a orientação de um professor, participando de programas, auxiliando no planejamento e desenvolvimento de atividades ou colaborando em projetos de prestação de serviços na área comunitária.

As bolsas de extensão são distribuídas entre oito áreas temáticas: Comunicação, Cultura, Educação, Saúde, Meio Ambiente, Tecnologia,

Trabalho e Direitos Humanos. Em 2005, segundo a assessora, foram registradas 1.433 atividades de extensão, entre programas, projetos, cursos, prestação de serviços, publicações e eventos. Cláudia acrescenta que, pela legislação da UFRGS, um projeto de extensão pode ser coordenado tanto por um docente, quanto por um técnico-administrativo com graduação em qualquer área.

No âmbito da pesquisa, o Programa de Iniciação Científica (IC) está voltado especificamente aos alunos da graduação. Desde o segundo semestre, eles podem participar de um dos 569 grupos de pesquisa existentes na Universidade, sob a orientação de um professor-pesquisador. Administrado pela Propesq, o Programa de Iniciação Científica funciona com bolsas de abril a dezembro, e sua finalidade é oferecer aos alunos um plano de atividades definido, em que eles possam vivenciar as etapas do método científico.

Segundo a vice-pró-reitora de Pesquisa, Marinhinha Aranha Rocha, o estudante ingressa no Programa por meio do convite de um professor pesquisador da Universidade e deve ficar atento aos cartazes espalhados pelos *campi* e ao *site* da UFRGS, no qual é divulgado o período de inscrições. “É nesse mo-



Rodrigo Matzenbacher Lautert é bolsista voluntário no programa Quem quer brincar?

FLAVIO DUTRA

mento que os alunos interessados devem procurar os departamentos de suas Unidades, ou os professores em sala de aula”, esclarece ela.

Existem ainda outros programas de bolsas como o Pibic/CNPq/UFRGS e o da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (Fapergs). Neste ano, o valor

das bolsas é de R\$ 200 reais para 20 horas de trabalho na Iniciação Científica e R\$ 300 reais para a bolsa Pibic. A bolsa Fapergs, até o fechamento desta edição, permanecia com o valor de R\$ 250 reais.

Marinhinha acrescenta que, segundo a pesquisa anual de opinião realizada pela Propesq na qual foram

ouvidos 1.185 alunos-bolsistas, 94,3% dos entrevistados reconheceram a relevância das atividades de pesquisa para a sua formação e 92,9% avaliaram positivamente os orientadores. “O resultado revela altos índices de aprovação ao programa, o que é animador”, comemora a vice-pró-reitora.

## Bolsistas relatam experiências

### Pedagogia

No programa de extensão universitária “Quem quer brincar?”, coordenada pela professora Tânia Ramos Fortuna, da Faculdade de Educação da UFRGS, os alunos de Pedagogia têm a oportunidade de aprender novas técnicas de ensino, envolvendo jogos e brincadeiras. Com a finalidade de oferecer recursos aos educadores que buscam a continuidade de sua formação, o programa oferece apoio teórico e prático e mantém um acervo de cerca de três mil itens entre brinquedos, jogos e fantasias. Os bolsistas atuam na Brinquedoteca mantida pelo projeto, atendendo ao público, participando de seminários, oficinas, cursos, palestras, visitas lúdicas orientadas, da elaboração de apresentações, da construção e recuperação de brinquedos.

Rodrigo Matzenbacher Lautert, aluno do curso de Pedagogia, já teve bolsa remunerada no programa, mas agora realiza trabalho voluntário. “Particpei como bolsista de extensão, e essas atividades acrescentaram muito à minha formação, permitindo que eu vivenciasse os conhecimentos adquiridos durante

as disciplinas de meu curso”, diz Rodrigo, para quem a experiência propiciou uma visão do seu futuro profissional. “Esse é o grande diferencial da extensão: dar ao bolsista o apoio e o suporte de professores nas dúvidas e problemas que a prática costuma gerar”, completa.

Também para Juliana Vargas, ex-bolsista e agora voluntária do “Quem quer brincar?”, formada em Licenciatura em Ciências Sociais, o fato de fazer extensão ampliou os horizontes. “Como acadêmica adquiri experiências que vão ajudar muito no meu trabalho”, conclui. Rodrigo e Juliana dizem que continuam no Programa como voluntários, a exemplo de muitos colegas que prosseguem atuando nas mais diversas funções, mesmo depois de formados. “Nos sentimos participantes do processo e achamos que devemos dar algum tipo de recompensa, mesmo não tendo nenhum vínculo obrigatório”, explica Rodrigo.

### Educação Física

Grupo de Pesquisa em Atividades Aquáticas e Terrestres (GPAT) é o nome do projeto de extensão da Escola de Educação Física, coordena-

nado pelo professor Luiz Fernando Martins Kruehl, do Laboratório de Pesquisa do Exercício (Lapex). Esse grupo mantém seis projetos permanentes: hidroginástica, *jogging* aquático, hidroginástica para portadores de síndrome de Down, natação e iniciação ao treinamento, natação equipada e ginástica localizada.

Os bolsistas são selecionados através de entrevistas realizadas pelo coordenador e por bolsistas antigos, sendo que todos têm o mesmo peso na hora da definição do novo integrante, com preferência para alunos dos primeiros semestres. Os estudantes, primeiro, entram como voluntários, para depois receber bolsa remunerada. O coordenador garante que os bolsistas do grupo têm mercado de trabalho assegurado.

Cristine Lima Alberton, mestranda do Grupo de Pesquisa em Atividades Aquáticas e Terrestres, orientada pelo professor Luiz Fernando, conta que entrou no projeto há seis anos, quando cursava o segundo semestre da graduação. Realizou as atividades de extensão por três anos, trabalhando na parte prática e depois se integrou ao grupo de pesquisa. Atualmente, auxilia na coordenação do projeto, orientando

alunos que, junto com as atividades de extensão, realizam diversas pesquisas para o mestrado. “A prática como professora no grupo foi essencial para a minha formação profissional, pois hoje sou professora de hidroginástica e trabalho em duas academias muito bem conceituadas. Consegui isso graças ao meu currículo e à experiência iniciada aqui na extensão”, conclui Cristine.

### Engenharia

Jane Zoppas Ferreira, professora do Departamento de Materiais e coordenadora do Lacor (Laboratório de Corrosão, Proteção e Reciclagem de Materiais) diz que trabalha com projetos de pesquisa de diversas procedências, que são associados a processos industriais e mantidos por órgãos de fomento e convênios com empresas públicas ou privadas. Atividades como práticas de laboratório, revisão bibliográfica e a atuação no projeto propriamente dito são delegadas ao bolsista. “É ele quem faz as soluções, manuseia os equipamentos e participa das discussões sobre os trabalhos, ou seja, colabora no projeto todo, do início ao fim. Esse trabalho ajuda no desempenho nas disciplinas da graduação e prepara para o futuro profissional”, garante a professora.

Joel da Silva Rodrigues, bolsista do CNPq/RHAE, está no nono semestre de Engenharia Metalúrgica e desenvolve pesquisa na área de avaliação de revestimentos de zinco e zinco-ligas. Ele pretende fazer mestrado nessa linha e acha que o trabalho no laboratório abre possibilidades, já que está vinculado a empresas, o que facilita a conquista de um estágio.

Paulo Isidoro Felice, bolsista CNPq há dois meses, cursa Engenharia Mecânica e está concentrado na área de corrosão do laboratório. Para ele, além de pôr em prática o conhecimento que adquire em aula, a bolsa lhe permite aprender a fazer pesquisa, uma vez que sua intenção é continuar na carreira acadêmica.

O mesmo diz Evandro Gondran, aluno de Bacharelado em Química, que desenvolve estudos na linha de tratamento de águas para reaproveitamento em indústrias e deseja se dedicar à pesquisa. “Estou no laboratório desde que entrei para UFRGS, há quatro anos. Para mim é importante esse contato com a metodologia científica, pois quero fazer mestrado e doutorado para dar aulas”, diz o estudante.

## Pergunte ao professor

### O que é a nanociência e a nanotecnologia?

Nano é um prefixo usado nas ciências para designar uma parte em um bilhão e, assim, um nanômetro (1 nm) corresponde a um bilionésimo de metro.

Nanociência como designação genérica pode, então, ser aplicada a uma série de materiais, processos e métodos que sejam estudados e manipulados nessa dimensão.

Historicamente, uma primeira motivação para as nanociências foi, talvez, o desenvolvimento de dispositivos de dimensões muito pequenas, visando a aumentar a capacidade para o processamento de informações em sistemas mais compactos e com maior economia de energia.

No entanto, ao longo dessa trajetória de compactação, aprendeu-se que existem novas e incomuns propriedades físicas, químicas e biológicas, ausentes para os mesmos materiais ou processos quando de tamanho microscópico ou macroscópico. Enquanto a nanociência busca estudar e entender as causas

dessas novas propriedades, as denominadas nanotecnologias desenvolvem crescentemente artefatos e técnicas para vários tipos de aplicações.

Um dos efeitos da dimensão nanométrica é o alto valor da relação entre o número de átomos que se encontram na superfície e os que estão no interior de uma partícula ou aglomerado. Nos objetos macroscópicos esta relação é irrisória e, como consequência, temos, por exemplo, eficientes nanocatalisadores, já que o processo de catálise é fortemente dependente dos átomos que estão na superfície do material.

Outro exemplo são os cabeçotes de leitura de mídia magnética e outros sensores formados por filmes finos metálicos, cujas espessuras são de décimos de nanômetros e, como consequência, apresentam o chamado fenômeno da magnetoresistência gigante.

Ou ainda, moléculas que funcionam como gaiolas químicas e, como tal, transportam um princípio medicamentoso ativo até o mesmo ser liberado num ambiente fisiológico adequado. Cabe ainda mencionar que os nanoprocessos, mais e mais, oferecerem aos cientistas possibilidades na área de manipulação de organismos geneticamente modificados.

As nanociências e suas filhas pródigas, que são as nanotecnologias, aportam riscos? Talvez maiores, talvez menores! A história é rica em exemplos nos dois sentidos, quando um salto como é o caso - no conhecimento humano se concretiza. Não sabemos, mas sabemos sim que se o país não fizer fortes investimentos nas nanociências e nanotecnologias terá, com certeza, “macroatraso” científico-tecnológico e “macroprejuízos” socioeconômicos.

**Professor Lívio Amaral**  
Instituto de Física

# Rede pública de ensino superior ainda tem

Jacira Cabral da Silveira

A necessidade de massificar o ensino superior é tema de discussão em organismos internacionais voltados para o desenvolvimento social das nações. Segundo o consenso, toda nação deve tornar a educação superior acessível a pelo menos 40% dos jovens entre 18 e 24 anos. Mas, no Brasil, apenas 10% dos jovens dessa faixa etária estão na universidade. A professora de Política e Administração da Educação da UFRGS e membro do Conselho Nacional de Educação, Maria Beatriz Luce, diz que um dos grandes desafios para a reversão desse quadro é garantir condições de acesso. Estudos de organismos ligados ao setor privado de ensino revelam que a classe média, que antes representava grande parcela de consumo, já esgotou seus recursos de investimento, o que resultou em inadimplência junto às instituições pagas e engrossou a fila dos candidatos às universidades públicas.

Diferentemente do que ocorre na Europa e Estados Unidos, onde a maioria das vagas está na rede pública, no Brasil, a concentração está no ensino privado. Para o filósofo e professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, Denis Rosenfield, essa situação começou há cerca de 15 anos, quando a falta de oferta na rede pública provocou uma “debandada enorme”.

Mesmo reconhecendo a grande demanda de ensino superior no Brasil, Rosenfield não acredita em expansão pela expansão. Ele defende com veemência a busca da qualidade, pois “não se cria um projeto de nação sem ensino superior qualificado”. Para isso, diz ser necessária a ampliação do número de docentes doutores. E teme uma expansão desordenada favorável à “proliferação de instituições mediocres”.

**Demanda** – A proporção das matrículas públicas do ensino superior no Brasil comparada às do ensino fundamental e médio preocupam Beatriz Luce. Frequentam escolas públicas de educação infantil 72% das crianças brasileiras; no ensino fundamental este número chega a 90%; no ensino médio a 87%; e, no ensino superior, não atinge 30% de jovens que frequentam instituições públicas de ensino superior. “Um grande número de estudantes que estão concluindo o ensino médio não têm condições de continuar os estudos superiores se não for numa instituição gratuita e com programas de apoio.”

A situação fica mais evidente com os indicativos do IBGE. Segundo esses estudos, 41% das famílias de estudantes dos ensinos médio e superior no Brasil sobrevivem com menos de um salário mínimo *per capita*. “Essas famílias só poderão colocar seus filhos nas universidades se tiverem casa, comida, livros e todas as condições para estu-

dar”, afirma a professora. Para ela, fatos como este condicionam uma expansão do ensino superior capaz de atender aqueles que não podem se deslocar para estudar nos grandes centros: “São pessoas que não podem se afastar do trabalho”.

Para a professora, o crescimento desordenado do setor de ensino superior brasileiro determina a urgência da aprovação do projeto-de-lei de reforma universitária, assim como do decreto sobre a regulação do ensino superior. “O governo não tem os meios normativos necessários para fiscalizar”, reclama. Com a aprovação do decreto, será possível regular questões como: Quem vai autorizar a abertura de um curso? Quem vai avaliar? Quem vai registrar? Quem vai reconhecer? São itens que se referem ao controle da qualidade e da expansão.

Por outro lado, alguns dispositivos normativos que existem hoje em dia têm sido desrespeitados por instituições já estabelecidas, desafiando a autoridade do MEC. Beatriz Luce lembra o caso da Universidade Salgado de Oliveira Universo, com sede em Niterói/RJ. Desrespeitando a regulamentação que diz não ser permitido a uma universidade abrir um *campus* fora de sua sede (cidade), a Universo expandiu para Salvador, anunciou cursos e abriu vestibular. “Tudo isto sem o devido processo no Ministério, e no Conselho Nacional de Educação.” Como o secretário de educação superior, Nelson Maculan, foi à imprensa alertar a população sobre o reconhecimento dos cursos oferecidos, a direção da Universo entrou na Justiça por danos de difamação. “Isso ocorre porque a lei não está suficientemente formulada.”

**Diversificação** – Beatriz Luce diz que, na Europa e na América do Norte, todos os países que conseguiram superar a meta de 40% dos jovens entre 18 e 24 anos cursando ensino superior têm sistemas de ensino com instituições diferenciadas. São universidades, faculdades isoladas, centros universitários etc. Instituições planejadas a partir de uma política que prevê a diferenciação institucional e a diversificação programática (curricular).

Segundo a especialista, esta perspectiva de expansão deve ser adotada no ensino brasileiro: “Temos que oferecer cursos para atender as diferentes áreas do conhecimento, os diferentes campos profissionais e as novas áreas interprofissionais. Antigamente tínhamos medicina, enfermagem, odontologia – hoje temos a biomedicina, fonoaudiologia, nutrição”. A LDB já prevê a criação de cursos de graduação mais curtos (de dois a três anos). São os chamados *college* ou *community college*, escolas pós-secundárias de nível superior. Vários desses cursos equivalem aos de pós-médio, assim como ocorre na educação tecnológica. Muitos cursos que o Senac oferece são exemplo destas instituições.

De acordo com a professora, todas as universidades precisam traçar seus planos de expansão sem perder de vista sua importante missão na pós-graduação e na qualificação dos recursos humanos. Assim, elas estarão fazendo sua parte na expansão, tanto no âmbito estadual, como nacional inclusive na formação de docentes para que as demais instituições de ensino superior possam se estabelecer.

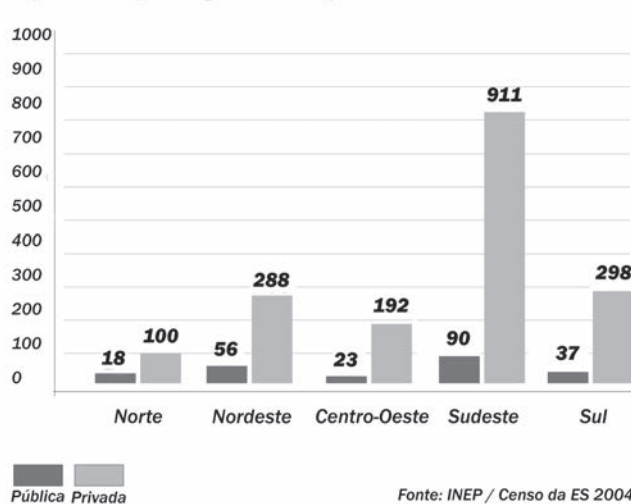
**Maria Beatriz Luce: “Boa parte dos jovens que concluem o ensino médio só pode cursar universidades públicas**

**Educação**  
No Brasil, apenas 10% dos jovens entre 18 e 24 anos estão na universidade, há poucas vagas na rede pública, e as instituições privadas enfrentam inadimplência

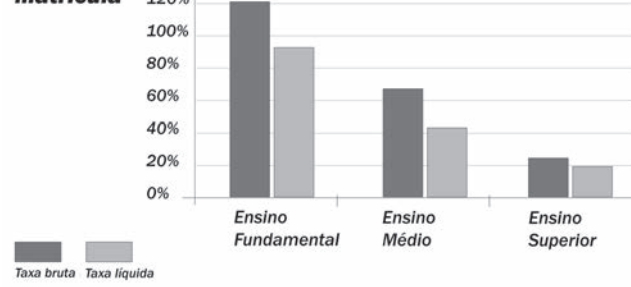


## QUADRO COMPARATIVO

**Instituições de Educação Superior públicas e privadas por região: Brasil, 2004**



## Taxa de matrícula



Além da criação de novas universidades e da ampliação dos *campi* universitários previstos na atual política de expansão, o presidente da Andifes, reitor Oswaldo Baptista Duarte Filho, considera necessário aproveitar o potencial de ampliação das instituições já instaladas. Para isso, entretanto, ele afirma que é preciso repor a força de trabalho, realizando concursos para professores e técnicos administrativos: “O último concurso só atendeu a demanda dos hospitais universitários”.

Oswaldo não acredita que haja colisão entre a criação de novas universidades públicas em regiões onde já exista oferta no setor privado: “Hoje, há vagas ociosas nestas universidades”, justifica. Embora reconheça que nem todos os estados tenham capacidade para fomentar igualmente a expansão de vagas, não descarta este compromisso. “Um país que almeja ser autônomo precisa investir mais em educação.” E esse crescimento, na opinião do dirigente, deve ocorrer nos próximos 15 anos sob pena do Brasil perder a oportunidade de desenvolvimento, assim como vêm fazendo a Índia e a China.

## Educadora é contra oferta limitada de vagas

Jovens de 18 a 24 anos no Brasil estão fora da escola e desempregados. Esta realidade, divulgada em estudos recentes, é um dos argumentos usados pela professora do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação e pesquisadora do CNPq, Denise Leite, contra a oferta limitada de vagas no vestibular das universidades públicas. Na opinião da doutora em educação, o Brasil deve adotar o sistema de ingresso empregado em países como Uruguai e Argentina onde não há vestibular.

Segundo ela, o compromisso de toda universidade que quer se preparar para o futuro não se restringe à busca da ciência de ponta, mas também atender às circunstâncias sociais em que está inserida. “Somos um país pobre com uma juventude sem emprego, sem estudo, refém do mundo.” Para a educadora, como hoje em dia o que existe é oportunidade de trabalho e não de emprego, caberá a cada egresso da universidade encontrar sua forma de inserção no mundo do trabalho.

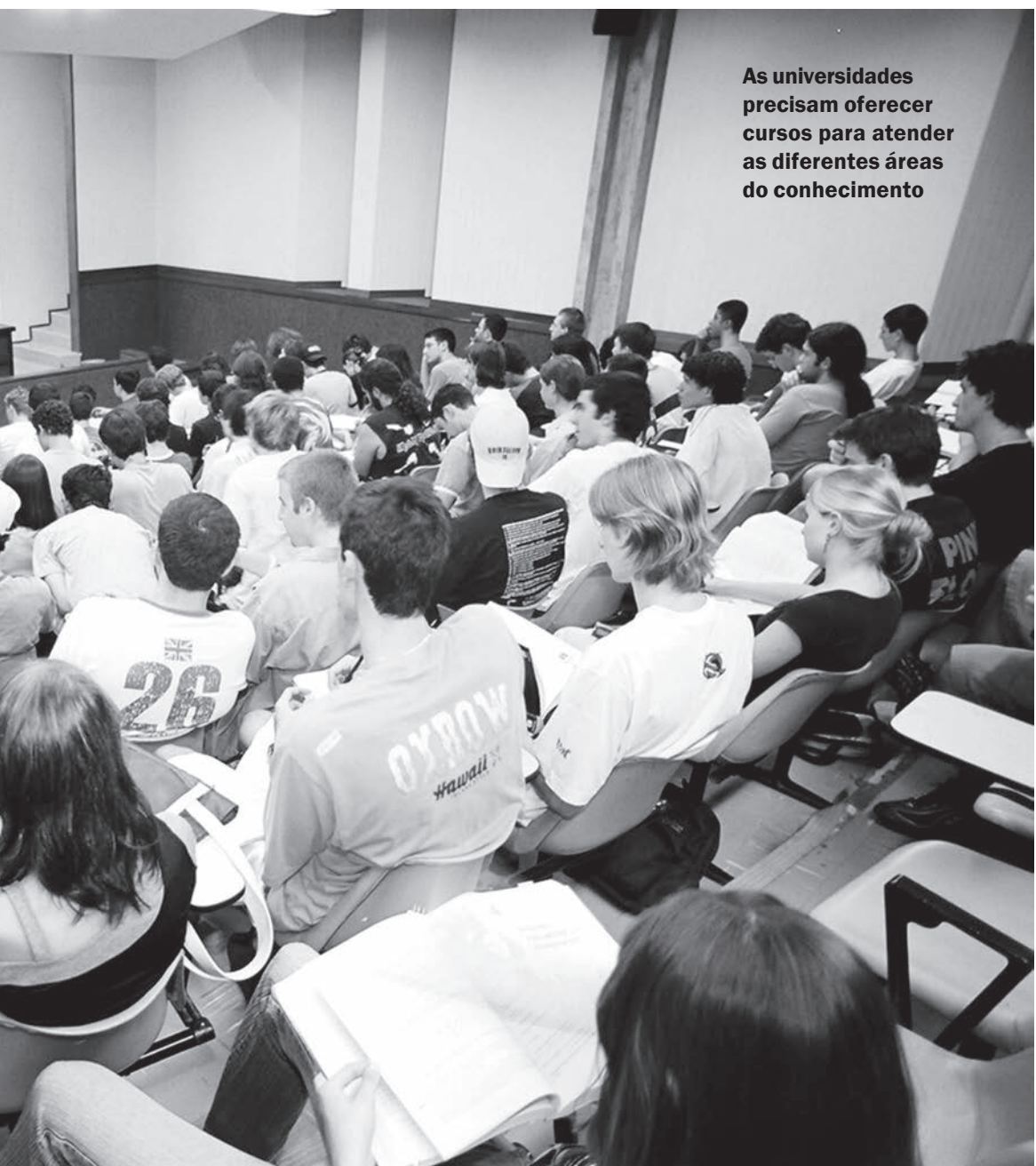
Mas enquanto isto não ocorre, Denise Leite acredita que a expansão do ensino superior deve respeitar três aspectos como garantia de qualidade. Primeiro, cada instituição precisa auto avaliar-se, apurando se cumpre com o que promete e realmente é o que diz ser. Em segundo lugar, conferir se corresponde à formação almejada por seus alunos. Por último, se encontra ressonância na sociedade.

Denise Leite critica o que chama de redesenho capitalista das universidades. Nos últimos anos, estas instituições adotaram medidas administrativas baseadas num modelo neoliberal em que se procura fazer mais com menos. Prova disso são as demissões em massa que estão ocorrendo na rede privada de ensino superior. Só que esta nova cultura também está presente nas universidades públicas quando são instaladas lojas, livrarias, terminais de bancos, etc. “É um processo mundial que desenvolve o isomorfismo da educação, ou um modelo único de qualidade.”





# muíto o que expandir



As universidades precisam oferecer cursos para atender as diferentes áreas do conhecimento

FOTOS: FLÁVIO DUINA

## Gaúchos terão duas novas universidades ainda em 2006

Até o final do ano, o Estado terá oficializado a Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (FUFCSA) e a Unipampa

A previsão é de que, até o próximo vestibular (dezembro), a Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (FUFCSA) ofereça dois dos cinco novos cursos na área da saúde que estão em fase final de formulação e de encaminhamento no MEC. Até então, a Fundação oferecia um total de 138 vagas nos cursos de Medicina, Biomedicina e Nutrição. Dentro de três anos, conforme prevê a legislação, a instituição abrirá em média 50 vagas para cada um de seus novos cursos: Fonoaudiologia, Psicologia, Enfermagem, Ciências Biológicas e Fisioterapia. “No estado não existe nenhuma oferta pública para o curso de Fonoaudiologia”, comenta Miriam da Costa Oliveira, diretora da instituição.

Segundo ela, o processo de criação da FUFCSA está em vias de sair do Ministério do Planejamento para o Congresso, que encaminhará à Casa Civil, responsável por repassar o documento ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva. “Passaremos de instituição isolada para *universidade especializada* na área da saúde.” Um patamar abaixo na hierarquia – a designação de universidade refere-se a uma instituição capaz de oferecer maior número de cursos em diferentes áreas – a FUFCSA tem como vocação oferecer cursos de especialização e, ao longo dos anos, tem atingido prestígio tanto no meio universitário como junto aos órgãos oficiais. Miriam destaca o primeiro lugar que o curso de Medicina alcançou no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) e o conceito MB do MEC nos aspectos corpo docente e estrutura.

“Já era o momento de dar um salto de crescimento”, comenta Miriam. Além do

reconhecimento, ela cita a trajetória da instituição, criada em 1953. No começo, a então Faculdade Católica de Medicina era uma instituição privada. Quando foi federalizada, em 1980, começou sua caminhada como instituição pública e gratuita. Em 1987, passou à fundação, adquirindo a estrutura que mantém até hoje. De um curso original, a Faculdade cresceu e hoje oferece, além dos três cursos de graduação, outros três de pós-graduação: mestrado e doutorado em Patologia e Hepatologia (único no país), e mestrado em Ciências Médicas (mais recente).

“A oferta de pós-graduação extrapola a característica de instituição isolada”, argumenta Miriam que prevê maior autonomia para a instituição quando passar à universidade: “Poderemos criar novos cursos”, comemora. Ela prefere não falar em mercado nem em concorrência ao comentar a mudança de *status* de sua instituição. Para a diretora, existe no país uma demanda extraordinária e os cursos da Fundação já são bastante disputados.

Por outro lado, admite que há concentração de cursos e profissionais em determinadas regiões. Só no Rio Grande do Sul existem dez faculdades de Medicina, cinco públicas e cinco privadas. Segundo a doutora, enquanto a Organização Mundial da Saúde preconiza a existência de um médico para mil habitantes, no Rio Grande do Sul a proporção é de um para cada 500 habitantes e, em Porto Alegre, este número é menor ainda. Mas, na opinião da diretora da FUFCSA, a necessidade de saúde no Brasil não vai se resolver simplesmente com a instalação de faculdades de medicina no interior: “Quem garante que os futuros médicos vão permanecer no interior?” Ela argumenta que é necessária a criação de políticas públicas, que estimulem a migração dos médicos para localidades fora dos grandes centros.

**A Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre é uma universidade especializada na área da saúde**

## Quadro de expansão

O programa de expansão do sistema de educação superior brasileiro tem ocorrido através da criação de novas universidades, da consolidação daquelas que já estavam em processo de instalação e das criadas por transformação ou desdobramento. Outra forma de expansão é através da ampliação dos *campi* já existentes. Até o momento, com base em dados divulgados pela Secretaria de Ensino Superior (Sesu), vinculada ao MEC, o quadro de expansão é o seguinte:

### Novas universidades

▶ Universidade Federal do ABC (UFABC), com sede em Santo André, oferecerá 20 mil vagas em graduação, 2.500 em mestrados profissionais e mil em doutorado.

▶ Universidade Federal do Pampa (UFP), localizada sede em Bagé, oferecerá 26 cursos de graduação com um total de mil vagas.

### Transformação

▶ Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), sediada em Uberaba/MG, que tem origem na Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro.

▶ Universidade Federal de Educação Tecnológica do Paraná (UFTPR), que atualmente oferece cursos de ensino médio, técnico, de graduação e de pós-graduação e tem 12.500 alunos estudando em suas sete unidades.

▶ Universidade Federal Rural do Semi-árido (UFERSA), gerada a partir da Escola Superior de Agricultura de Mossoró/RN.

▶ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), desenvolvida a partir das Faculdades Federais Integradas de Diamantina (Fafed).

▶ Universidade Federal de Alfenas (Unifal), que teve como ponto de partida a Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas.

▶ Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (FUFCSA), criada a partir da Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre (FFCMPA).

### Desdobramento

▶ Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), instalada a partir da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

▶ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), criada a partir da Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

### Consolidação

▶ Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), com sede em Petrolina/PE e *campi* nas cidades de Juazeiro e São Raimundo Nonato.

### Ampliação

▶ Universidade Federal de Santa Maria - Campus em Frederico Westphalen e em Palmeira das Missões.

▶ Universidade Federal do Paraná - Campus do Litoral, no município de Matinhos.

▶ Universidade Federal de São Carlos - Campus de Sorocaba.

▶ Universidade Federal de São Paulo - Campus em Diadema e em Santos.

▶ Universidade Federal Fluminense - Campus de Volta Redonda.

▶ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - Campus de Nova Iguaçu.

▶ Universidade Federal de Ouro Preto - Campus de João Monlevade.

▶ Universidade Federal do Espírito Santo - Campus em São Mateus e em Alegre.

▶ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - Campus de Teófilo Otoni/MG.

▶ Universidade Federal do Acre - Campus da Floresta em Cruzeiro do Sul.

▶ Universidade Federal do Pará - Campus em Marabá, Castanhal, Bragança e Santarém.

▶ Universidade Federal do Amazonas - Campus em Coari e em Benjamin Constant e Centro de Estudos de Antropologia e Biodiversidade.

▶ Universidade Federal de Alagoas - Campus de Arapiraca.

▶ Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet/BA) - Campus em Vitória da Conquista.

▶ Universidade Federal da Bahia - Campus em Barreiras, Vitória da Conquista e Campus Anísio Teixeira, em Vitória da Conquista.

▶ Universidade Federal do Ceará - Campus do Crato.

▶ Universidade Federal Rural de Pernambuco - Campus de Serra Talhada e de Garanhuns.

▶ Universidade Federal de Pernambuco - Campus em Caruaru e em Vitória de S. Antão.

▶ Universidade Federal do Maranhão - Campus em Imperatriz e em Chapadinha.

▶ Universidade Federal de Campina Grande - Campus de Curimatá (Paraíba).

▶ Universidade Federal do Piauí - Campus de Picos, de Parnaíba e de Bom Jesus do Gurguéia.

▶ Universidade Federal do Sergipe - Campus de Itabaiana.

▶ Universidade de Brasília (UnB) - Campus Planaltina.

▶ Universidade Federal de Goiás - Campus de Catalão e de Jataí.

▶ Universidade Federal do Mato Grosso - Campus em Rondonópolis, em Sinop e em Barra do Garças.





# Nova presidente chilena terá forte oposição

**Política** *Historiador vê o conservadorismo das democracias latino-americanas como o maior problema*

**Jacira Cabral da Silveira**

O historiador César Augusto Barcellos Guazzelli, professor do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, acredita que as redemocratizações na América Latina têm um caráter conservador. “A democracia volta, mas a pauta política é de liberalização econômica e de afastamento do Estado com relação à função de bem-estar social, enxugamento da máquina administrativa e cumprimento dos compromissos com os órgãos financiadores mundiais”, afirma o professor. Ele acrescenta que esta é a prática adotada por quase todos os governos latino-americanos e que essa tendência faz com que a eleição de um partido de esquerda não represente, necessariamente, que o país vá mudar de rumo. Cita como exemplo as vitórias da esquerda no Brasil, Argentina e Uruguai. Portanto, o professor acredita que o caso do Chile deve ser pensado nesse contexto mais amplo.

Dentre os países latino-americanos, que de alguma forma adotaram o programa mundial de globalização, o Chile é citado como o mais fiel seguidor dos ditames do FMI e do Banco Mundial. Guazzelli justifica esta vocação chilena como decorrência da violenta ditadura que o país viveu a partir do golpe militar de 11 de setembro de 1973, quando o general Augusto Pinochet derrubou o presidente eleito, ficando no poder durante 17 anos.

A sangrenta ação para instalar a ditadura feriu brutalmente a tradição do movimento operário chileno. “Por isto, na redemocratização essa característica havia desapareci-

do”, conclui Guazzelli. Na avaliação do historiador, mesmo que o partido socialista tenha compromissos mais sólidos em relação às demandas sociais, seu procedimento é marcado por uma pauta econômica praticamente inflexível, com acordos com o FMI e Banco Mundial. Soma-se a isso o irresistível “canto de se-reia” dos Estados Unidos, oferecendo ao Chile as benesses de uma integração continental, tendo o país latino-americano como porta para o Pacífico e garantindo o acesso a uma série de mercados.

**Tradição chilena** – Nesse sentido, o professor diz que ficou difícil para países que, como o Brasil, resistem

## Partidos podem comprar espaços nos meios de comunicação

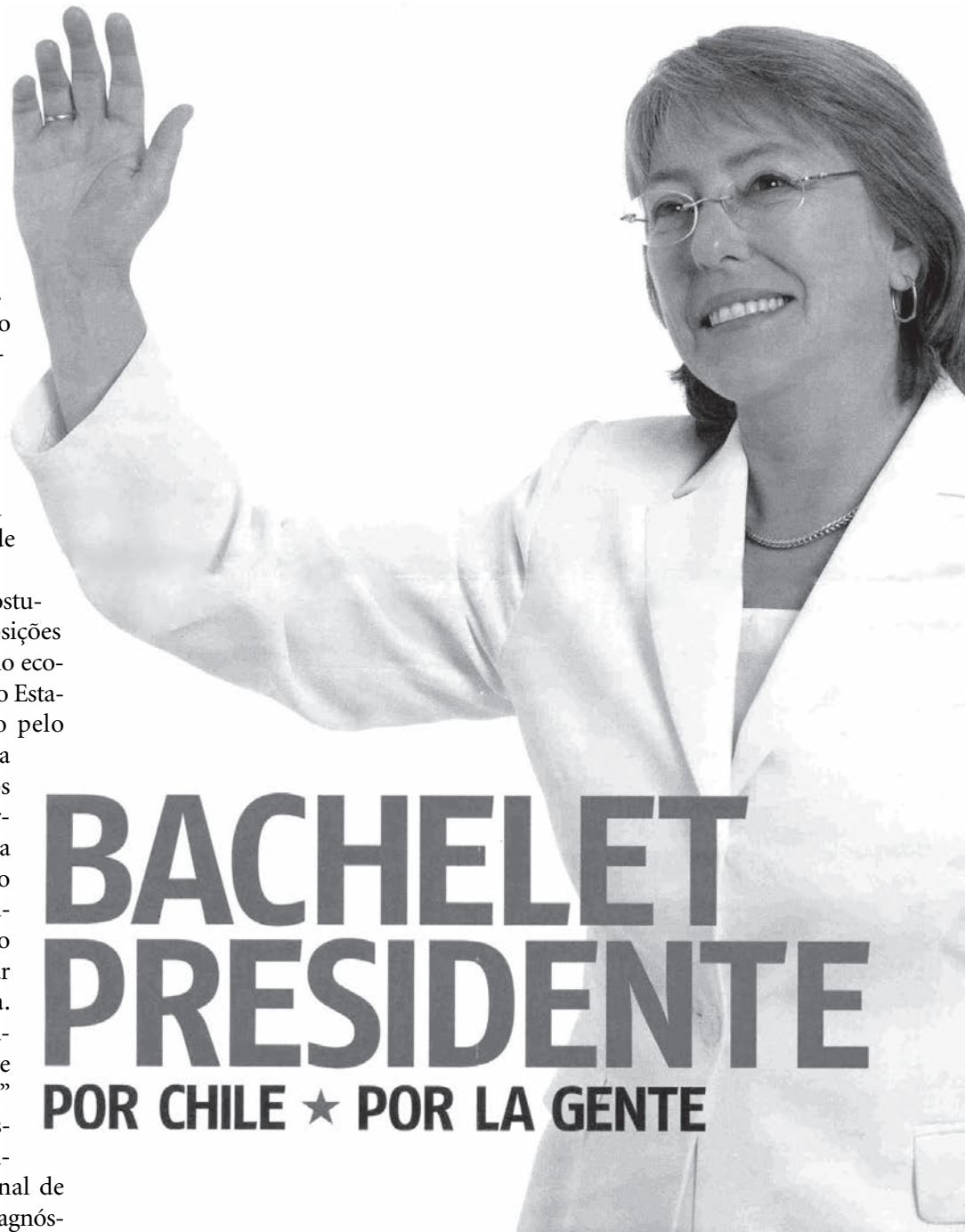
ao avanço do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta), a aproximação com o Chile. “O país está meio de costas para a América Latina”, argumenta. Mesmo reconhecendo que Michelle Bachelet é vinculada ao socialismo, tem tradição de luta política e defende idéias inovadoras, como suas posições feministas, o historiador não acredita que a nova presidente vá conseguir romper com esta tradição chilena de permanecer alheia aos países vizinhos. Ele define as manifestações de Bachelet sobre o tema como um discurso político muito comum entre os novos presidentes latino-americanos,

quando afirmam que vão desenvolver uma política externa em que a América Latina tenha um papel transcendental.

Na opinião de Guazzelli, a ditadura cindiu o campo político chileno, o que resultou em posições radicais. “Não há um caminho do meio: ou se é a favor dos socialistas ou a favor de um governo conservador”, diz ele, que teme o insucesso da equipe de governo montada por Bachelet, formada por técnicos desvinculados de uma trajetória política.

Além disso, no Chile as posturas de direita extrapolam posições recorrentes como o liberalismo econômico e a redução da ação do Estado. Um exemplo apontado pelo professor foi a preocupação da igreja católica chilena, já nos primeiros dias do novo governo, em apelar a Bachelet para que se posicionasse contra o aborto. Esse perfil acentuadamente católico faz com que o chileno conservador vá estudar numa universidade católica. “Ele não vai para a universidade pública, considerada laica e pró-comunista ou socialista.” Por isto, conforme avalia o historiador, a nova presidente enfrentará forte oposição. Afinal de contas, ela é mulher, médica, agnóstica, socialista, divorciada, e “tudo isto não vai passar em branco”.

Por outro lado, Guazzelli destaca a importância do valor simbólico que representa a eleição de uma mulher num país reconhecidamente machista e de posturas conservadoras. Para ele, o que ocorreu no



REPRODUÇÃO / MATERIAL DE CAMPANHA

Chile é uma sinalização presente na América Latina como um todo, e é a prova de que o neoliberalismo não deu certo. Para o historiador, havia a idéia de que o liberalismo econômico era a resposta para todos os problemas e, na medida ele não

deu certo, a expectativa agora está voltada para posturas mais sociais. “Pode ser que Lula, Tabaré, Kirchner e Bachelet não consigam nada, mas mesmo assim é um voto de esperança para dizer que este modelo não serve.”

## O clima da campanha eleitoral no Chile

**Arlene R. de Oliveira Kempf**

Nada parecido com as campanhas eleitorais brasileiras, o que se via em Santiago do Chile na semana antecedente ao segundo turno das eleições presidenciais, em 15 de janeiro, das quais emergiu eleita presidente a candidata Michelle Bachelet, do Partido Socialista. Uma legislação severa restringe a propaganda de rua, admite um curto horário diário de propaganda gratuita apenas na televisão, mas surpreendentemente, permite a compra de espaços livremente nas emissoras de rádio e nos jornais, o que possibilita o abuso do poder econômico.

Na rota para Santiago, cruzando os Andes pelo Paso de los Libertadores, começava a se perceber que havia uma eleição presidencial no país somente no vale de Maipo, famoso pelos cultivos de videiras, frutas e hortigrangeiros. Ao longo da auto-estrada tranqüila, alguns painéis gigantes de propaganda do candidato Sebastián Piñera, da *Alianza por Chile*, coligação dos partidos de direita *Unión Demócrata Independiente* (de Joaquín Lavín, derrotado no primeiro turno) e *Renovación Nacional* (de Piñera).

Em meio corpo, um Piñera sorridente, de braços abertos, fotografado em mangas de camisa, em um fundo de céu azul com esparsas nuvens, é secundado pelos dizeres “*Chile quiere más. Piñera más presidente*”. A palavra “*más*” marcada em vermelho. Já próximo de Santi-



## Masivos cierres de campaña



ago, um painel semelhante, de Michelle Bachelet, da coligação *Concertación* (envolvendo quatro partidos, entre os quais a Democracia Cristã e o Partido Socialista), no qual a candidata também em meio corpo, em fundo branco, vestindo um traje de cor creme, sorridente, mas fotografada lateralmente, acenando para um público imaginário, tinha ao lado os dizeres “*Bachelet Presidente, por Chile – por la Gente*”.

Esses emblemas de campanha divergentes - revelando, por um lado presunção e ousadia e, por outro, modestia e liderança comunitária - deram o tom da corrida no segundo turno e, possivelmente, contribuíram

para a definição do resultado. Segundo analistas políticos chilenos, os ataques de Piñera ao caráter e capacidades de Bachelet (especialmente quando contrapunha-se a ela como “homem de família”, “homem moderno”, “homem de ação” e “mais capaz”) reverteram em mais solidariedade do eleitorado à candidata.

Já na capital, o que surpreendia era o caráter completamente asséptico, monótono e contido da propaganda eleitoral de rua. Nas avenidas principais, sucediam-se corretamente presos no alto de postes de iluminação, em linha, cartazes moldurados, ora de Bachelet, ora de Piñera. Em alguns gramados e calçadas mais largas de

parques e praças, na confluência de avenidas, como na Plaza Itália, dividiam-se impressos um pouco maiores, em cavaletes de cerca de um metro de altura, de ambos os candidatos. Lá permaneciam dia e noite, sem que ninguém os tocasse, a não ser alguma rajada de vento mais forte.

Desbordamento popular só houve mesmo no encerramento da campanha, quando um trecho da principal avenida de Santiago – a Alameda – foi fechado para o comício de Bachelet e um show de cantores espanhóis famosos no Chile e simpáticos à sua candidatura. Cerca de 80 mil pessoas acotovelaram-se no local. Mas tudo terminou às 21 horas, e imediatamente foi iniciada a desmontagem do palanque e a limpeza da rua. Piñera encerrou sua campanha com um show em Valparaíso, utilizando artistas chilenos, mas concentrou apenas nove mil pessoas.

Nessa noite, as emissoras de TV deram várias chamadas ao vivo de ambas as concentrações. O curioso é que, do comício de Bachelet, mostravam apenas cenas do palco, sem tomadas que evidenciassem a multidão presente. Já a festa de Piñera foi apresentada num plano mais amplo, sobressaindo-se parte da concentração popular agitando bandeiras e interagindo com seu discurso. Ao fim do telejornal de uma das emissoras, uma senadora da coordenação de campanha de Piñera foi entrevistada por cerca de 20 minutos. Não houve contraponto.

No Chile, a propaganda pública eleitoral só é permitida 30 dias an-

tes das eleições. Na prática, são 27 dias, pois deve encerrar-se a três dias da votação. A propaganda gratuita se resume exclusivamente a 30 minutos diários (segundo turno) nos canais da TV aberta, divididos proporcionalmente entre os candidatos. A diferença do Brasil, partidos e candidatos podem comprar espaços livremente nas emissoras de rádio e nos jornais, sem limitações, a não ser o seu poder econômico. Um leque de onze jornais diários é editado em Santiago. Dois são gratuitos e se esgotam rapidamente junto aos pontos de ônibus e estações de metrô: o *Publmetro*, de notícias rápidas, mas com reportagens e bom nível informativo; e o *La Hora*, que habitualmente vem com uma sobrecapa de publicidade, e que na edição de três dias antes da eleição nenhuma notícia trazia sobre ela, como se não houvesse segundo turno no Chile.

Segundo dados divulgados pelo Serviço Eleitoral do Chile, os partidos da *Alianza por Chile*, de Piñera, foram os que mais gastaram na eleição parlamentar (deputados e senadores), desembolsando cerca de 4 bilhões de pesos, contra cerca de 2 bilhões de pesos dos partidos da *Concertación*. Houve acusações de excessos de ambas as partes: Piñera acusou Bachelet de usar a máquina do governo Lagos a seu favor; já os partidários de Bachelet reclamaram do abuso dos meios de comunicação social, especialmente do rádio, por parte da candidatura da direita.



# Gripe traz riscos econômicos e ambientais

Ânia Chala

Desde 2003, cientistas e autoridades sanitárias do mundo todo acompanham atentamente o crescimento do número de casos do vírus H5N1 entre humanos. Segundo dados divulgados no *site* da Organização Mundial da Saúde ([www.who.int](http://www.who.int)), o vírus já fez 105 vítimas fatais de um total de 186 pessoas infectadas.

Presente entre as aves silvestres, o vírus é conhecido pelos cientistas há muito anos, e não representava uma ameaça aos seres humanos. De acordo com os dados disponíveis até o momento, a contaminação de criações de gansos e frangos foi o ponto de partida para que a doença começasse a infectar também as pessoas em contato com esses animais. Por enquanto, não há comprovação de que o vírus tenha adquirido a capacidade de ser transmitido diretamente de ser humano para ser humano, mas sua expansão pelos países da Ásia, África e Europa faz crescer o temor de uma pandemia.

O médico-veterinário Carlos Tadeu Pippi Salle, 59 anos, coordenador do Centro de Diagnóstico e Pesquisa em Patologia Aviária (CDPA), da Faculdade de Veterinária da UFRGS afirma que é preciso dimensionar corretamente o risco envolvido. "Até onde se sabe, se as medidas de controle não forem tomadas adequadamente, a gripe aviária deve passar para os plantéis industriais e, só depois, é que chegará no homem", diz ele.

**Reação em cadeia** – O professor entende que o processo de vigilância deve ser tratado com cuidado. "Se transmitirmos um medo exagerado, iremos prejudicar as camadas menos favorecidas da população brasileira, que têm nos produtos avícolas o alimento mais barato. Causaremos um mal enorme, talvez pior do que a própria gripe, por privar essa população de uma rica fonte de proteína."

Ele ressalta que a estrutura de avicultura industrial evita ao máximo o contato do animal com o homem e que as aves comercializadas no Brasil passam por um serviço de inspeção veterinária, antes de chegar ao consumidor.

Segundo o coordenador do CDPA, a universidade não desempenha uma função fiscalizadora na área da sanidade animal, mas tem procurado colaborar. Ele alerta para o fato de que em nosso país só existe um único lugar autorizado a fazer o diagnóstico da doença: o Laboratório do Ministério da Agricultura (Lamagro) em Campinas. "Temos competência para fazer esse diagnóstico aqui na UFRGS, temos mestre e doutores que podem fazer isso, mas não estamos autorizados. Essa centralização prejudica, porque a velocidade de diagnóstico é fundamental o controle da doença."

Já existe uma proposta de descentralização do diagnóstico, que propõe o estabelecimento de quatro pontos para análise no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Campinas. Segundo o médico-veterinário, esses estados precisariam ter laboratórios equipados para um diagnóstico adequado e uma força-tarefa pronta para agir com pessoal capacitado.

A grande maioria dos criadouros de aves produzidas para exportação

**Influenza aviária** Doença, que desde o final de 2003 já matou 105 pessoas, preocupa especialistas



As aves silvestres migratórias que frequentam o litoral brasileiro não representam risco para a população

localiza-se na região Sul e só o nosso estado exporta cerca de 60 por cento das aves que produz. "A chegada do vírus ao Brasil seria uma calamidade, tanto na área da saúde pública, como na avicultura, pois haveria a perda dos mercados externos e o pânico provocaria a redução do consumo interno", alerta o professor que lembra que a avicultura, junto com a vitivinicultura e a área de produção de leite, representa a viabilização do minifúndio. "Ao perderem a sua fonte de sustento, essas pessoas migrarão para as cidades, aumentando o cinturão de miséria em volta das grandes metrópoles."

O dirigente entende que um problema dessa magnitude, capaz de gerar um prejuízo de dois bilhões de dólares anuais, deveria merecer das autoridades um investimento proporcional à sua importância.

**Alta letalidade evita pandemia** – Carlos Tadeu afirma que o combate à doença através do desenvolvimento de uma vacina é complicado, porque o vírus muda muito rapidamente e nada garante sua eficiência. "Por isso é tão difícil uma vacina para a influenza aviária, como é difícil uma vacina para a gripe humana", diz o professor.

Segundo anúncio no *site* do Ministério da Saúde, o Instituto Butantan, de São Paulo, teria recebido R\$ 3,1 milhões para acelerar a construção de uma nova fábrica, como primeiro passo para o desenvolvimento da produção da vacina brasileira. Quem visita a página da instituição paulista na Internet descobre que o órgão quer produzir até julho 20 mil doses.

Na opinião do coordenador do CDPA, enquanto o vírus tiver uma letalidade tão alta, dificilmente ele irá transformar-se numa pandemia. "Isso poderá acontecer somente quando o índice de mortalidade cair, porque o vírus está matando de 50 a 60 por cento dos seres humanos infectados e uma doença que mata o hospedeiro e o faz tão rapidamente não tem como se disseminar tanto."

## Aves migratórias são vítimas e não vilões

Glayson Bencke, 36 anos, ornitólogo, da Fundação Zoobotânica do RGS, estuda aves desde a adolescência, e atualmente dedica-se à área de conservação. Ele esclarece que, normalmente, as aves silvestres convivem com vírus como o da influenza aviária sem manifestar os sintomas da doença. "O problema acontece quando elas sofrem algum tipo de estresse, como a diminuição do número de indivíduos pela caça predatória ou pela destruição do habitat", afirma o ornitólogo.

O especialista diz que a criação em larga escala de animais para abate barrou o processo de seleção natural, que elimina os mais fracos em favor de uma população de mais resistência e melhor adaptação ao meio ambiente. "Outro aspecto levantado pelo biólogo é o fato de que as aves para consumo humano são criadas em ambientes fechados e climatizados, o que favorece o desenvolvimento de doenças.

Pelo que se sabe até agora, a transmissão do vírus das aves para o homem se dá pelo contato com as secreções e as penas dos animais infectados. Quanto às especulações sobre o potencial de transmissão através de ovos, ele ressalta que o vírus é muito sensível a qualquer produto para desinfecção (iodo, álcool), e que a simples limpeza

antes do consumo resolveria o problema. Essa também é a opinião do professor Carlos Tadeu Pippi Salle, médico-veterinário da UFRGS. Para o professor, não há risco de contágio pelo consumo de carne de ave, pois a cocção do alimento combinada com hábitos de higiene, garante a eliminação do vírus.

Glayson entende que o aparecimento de focos da doença na Ásia foi facilitado pelo agro-sistema largamente utilizado nos países daquele continente, nos quais é comum a criação de aves soltas em campos de arroz, ambiente também frequentado pelas aves silvestres migratórias.

Um ponto importante destacado pelo especialista é que as aves silvestres apontadas como potenciais transmissoras do vírus são anatídeos, ou seja, aves da família das marrecas, patos, gansos e cisnes. Já as aves migratórias que passam pelo Brasil e pelo Rio Grande do Sul, fazendo deslocamentos transcontinentais, são aves de praia, principalmente maçaricos e batuíras, que se concentram em lagoas e lagunas costeiras e na faixa de praia e não têm contato com as aves criadas para consumo humano. Essa informação é corroborada por Carlos Tadeu, que informa que os aviários se concen-

tram no Vale do Taquari, na Serra Gaúcha e no planalto localizado na região Norte do estado. "Afortunadamente, não temos granjas próximas à Lagoa do Peixe, grande ponto de concentração de aves migratórias, e nem próximas ao litoral", diz o veterinário.

Além disso, Glayson afirma que aves que se deslocam no sentido Leste-Oeste são muito raras, pois os sistemas migratórios são fechados e sempre orientados no sentido Norte-Sul. "Isso nos protege de certa forma das aves que, no momento, apresentam contaminação na Ásia e na Europa. Se forem descobertas aves com o vírus na América do Norte, aí sim temos que soar o alarme", diz o ornitólogo.

Por outro lado, as notícias de extermínio em massa das aves migratórias têm causado protestos entre as instituições de proteção animal. "Eliminar pura e simplesmente essas aves irá causar desequilíbrios no ambiente natural e isso pode provocar a expansão da epidemia entre elas e, conseqüentemente, o aumento da possibilidade de transmissão para as aves domésticas", diz o especialista da Fundação Zoobotânica, para quem tal hipótese desloca as aves silvestres do papel de responsáveis pela epidemia para a posição de vítimas.

## UFRGS já tem núcleo estratégico de doenças infecciosas emergentes

O médico Luciano Z. Goldani, 44 anos, chefe da Unidade de Infectologia do Hospital de Clínicas e professor da Faculdade de Medicina da UFRGS alerta para o fato de que o vírus tem um período de incubação que vai de sete a 10 dias. "A pessoa infectada adoece em 24 ou 48 horas e começa a apresentar febre e dor muscular", diz o médico para quem o maior problema é que o vírus afeta o pulmão de uma maneira muito intensa, destruindo o tecido pulmonar e facilitando o surgimento de infecções bacterianas.

Segundo o professor, uma vez desencadeado esse processo a ação sobre o vírus torna-se limitada, tanto que os tratamentos atualmente existentes só têm uma ação importante até 48 ou 72 horas. "O indivíduo infectado deve ser medicado rapidamente, e isso é difícil, porque temos várias doenças respiratórias que apresentam sintomas similares." O infectologista considera fundamental o treinamento da população médica e dos profissionais de saúde em geral para o sucesso do combate à doença.

Luciano coordena o recém-cria-

do Núcleo Estratégico de Controle de Doenças Infecciosas Emergentes (Nede), cuja proposta é reunir especialistas de diversas áreas para traçar normas e discutir medidas de controle das doenças emergentes. Ele acredita que a primeira ação prática que o governo deveria adotar é a abertura de uma ampla discussão com a comunidade acadêmica.

O médico conclui reiterando que a melhor estratégia de combate ao vírus é preparar-se para quando houver a transmissão inter-humana. "O primeiro passo é a aceleração do processo de diagnóstico e tratamento e o aumento do monitoramento sobre nossas fronteiras."



# O gaúcho que a literatura transformou em mito

## História

*Celebração dos 250 anos de morte e título de herói nacional reacendem o questionamento sobre o verdadeiro papel de Sepé Tiaraju na história rio-grandense*

Marcelo Spalding\*

Em princípios de fevereiro daquele terrível ano de 1756, Alonzo ouviu de Pedro: “José Tiaraju morreu, padre. (...) Vi o combate. O alferes foi derrubado do cavalo por um golpe de lança. Vi quando ele quis erguer-se e um homem... um general... de cima do cavalo varou-lhe o peito com uma bala. (...) A alma de Sepé subiu ao céu e virou estrela”.

Assim Erico Verissimo narrou, na voz do menino Pedro, a última batalha de Sepé Tiaraju, morto há 250 anos na célebre Guerra Guaranítica dos Sete Povos das Missões. Não era ainda a Batalha de Caiboaté, que selaria a derrota dos jesuítas, mas tornou-se a baixa mais sentida da história rio-grandense. Tanto que, em novembro de 2005, o guarani recebeu o título de herói oficial do estado, uma distinção que se antecipou às celebrações dos 250 anos de sua morte, ocorridas especialmente na região dos Sete Povos das Missões.

Na ocasião, militantes de diferentes facções políticas exaltaram a figura do herói e bradaram com força sua célebre frase: “Esta terra tem dono!”. A frase, ao mesmo tempo em que serve de bandeira de luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), é símbolo da defesa da propriedade na visão dos ruralistas.

E assim noticiaram os jornais, dois séculos e meio depois, reafirmando os valores heróicos identificados pelo índio Pedro de Erico e projetando a figura mítica do primeiro herói guarani do Rio Grande do Sul para as próximas gerações. Uma figura que permanece no imaginário gaúcho, mas também encontra restrições e ponderações por parte dos historiadores.

O professor Eduardo Neumann, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, não nega a importância de Sepé, mas acha curioso “celebrar uma morte que não foi tão heróica assim”. Para o historiador, especialista na escrita guaranítica e na história das missões jesuíticas, Sepé é uma liderança entre outras que serviu de intermediário entre os interesses dos habitantes da redução de São Miguel e dos jesuítas. “Quando se fala na figura do Sepé Tiaraju, ela aparece muito descontextualizada. Uma redução podia ter de dois mil a cinco mil indígenas e contava quando muito com dois jesuítas para conduzir essa massa. Seria impraticável se não existisse a figura desses intermediários culturais, esses mediadores, que são indígenas que ‘aderem’ ao missional porque vêem vantagens”, afirma Neumann.



REPRODUÇÃO - ILUSTRAÇÃO DE NELSON BOBERRA FREDRICH PARA O LIVRO LENDAS DO SUL, EDITORA GLOBO/ARLUR, 1974

O historiador lamenta que a centralização em Sepé impeça a população de ter acesso aos conflitos mais amplos da época, como a questão da marcação de fronteiras e até mesmo de outras lideranças guaraníticas, documentadas com nome e sobrenome: “Existem muitas construções em cima de Sepé tentando colocar mais bravura do que de fato ele teve, quando seu grande mérito foi essa capacidade de avaliar o momento e saber dosar. Temos que saber que ele não era o único, havia outros Sepés, que seguiram depois na própria luta”.

O protagonismo de Sepé Tiaraju é questionado por Neumann, para quem o índio não era um cacique, mas um alferes responsável por policiamento e controle nas reduções e, depois, no transcurso da guerra, passou a ser uma espécie de prefeito da própria redução.

A partir dessa desmitificação, não surpreende que sequer a frase célebre a ele atribuída seja autêntica: “Essa é daquelas expressões que se coloca na boca de um sujeito que jamais disse isso”, sorri Neumann, “mas, pela repetição, se torna verdade”.

Como se explica, então, que um líder de biografia tão controversa torne-se herói oficial de uma nação pela qual sequer lutou? O próprio professor nos dá a pista: “O Sepé transformado em herói tem muito a ver com as maneiras como circularam as informações a respeito dele”.

**Da história para a literatura** – Os gaúchos contemporâneos conhecem o Sepé Tiaraju das páginas dos livros. Já no épico *O Uruguai*, de Basílio da Gama, publicado em 1769, Sepé é transformado em personagem. Mais tarde, Simões Lopes Neto resgata, em *Lendas do Sul*, de 1913, a canção popular em homenagem ao herói guarani “O Lunar de Sepé”, onde se lê versos como:

*Sepé-Tiaraju ficou santo  
Amém! Amém! Amém!...*

O próprio Simões, no texto *São Sepé* que introduz a canção, espanta-se com o nome do Arroio de São Sepé, não havendo no calendário católico santo com esse nome: “Temos de concluir que as virtudes, o mérito do grande chefe índio fo-

ram forais para a sua estranha ‘canonização’, no entretanto perdurável e popularizada”.

Sobre o hoje herói escreve Erico nas antológicas páginas de “A Fonte” (1949): “Os feitos de Sepé e seus guerrilheiros corriam pelos Sete Povos, e testemunhas oculares das batalhas contavam que no meio da refrega tinham visto o lunar a fulgir na testa do corregedor, que passa incólume por entre as balas, brandindo no ar a espada flamejante”.

Quando dos 200 anos da morte de Sepé, em 1956, já havia um debate em torno do seu reconhecimento como o primeiro caudilho rio-grandense. “Naquela época, o Instituto Histórico Rio-grandense rechaçou esse personagem como um herói do estado em função de que ainda se estava muito preso a uma historiografia de cunho lusitano, cujos protagonistas deviam ser de cepa lusitana”, relembra Neumann.

Hoje, cinquenta anos depois, parece que a força da história contada por um possível menino índio chamado Pedro, realmente ecoou no imaginário de cada geração, chegando viva aos maiores ficcionistas do estado e consolidando a criação de um mito. Não que Simões ou Erico (e o próprio Basílio) tenham inadvertidamente mentido sobre a trajetória do guarani. Eles estavam fazendo ficção.

Inegavelmente, porém, a força dessa literatura e a carência que um povo jovem como o nosso tem de mitos fundacionais fizeram com que a História, essa de H maiúsculo, essa tão profundamente estudada pelo professor Neumann, tenha ficado em segundo plano. E parece importante que, pelo menos, se faça a distinção entre o Sepé mitificado pela literatura e pelo imaginário e o Sepé político e histórico das missões jesuíticas. Afinal, “esse é um campo que tem muito a ser investigado, sobretudo por causa da diversidade de fontes: documentos espanhóis de autoridades civis e militares, textos portugueses, fontes jesuíticas em grande quantidade e documentos indígenas”, conclui o historiador. (Colaborou Sonia Torres)

\*Jornalista, formado pela Fábico/UFRGS

## Resenhas

Por Caroline da Silva

### Ela é de todos nós

O título é, sim, inspirado na dança de roda, uma vez que esta publicação é resultante do Projeto Ciranda. Tal projeto abrangeu atividades artísticas ocorridas no segundo semestre de 2004, buscando uma intersecção entre pesquisas autônomas e de pós-graduação, baseadas na ideia de movimentação, tempo e conjunto da dança em que e todos se dão as mãos formando um círculo. O desafio era pensar num livro de artista, com trabalhos em preto-e-branco, como formar uma obra conjunta que confrontasse os problemas plásticos e gráficos de uma página e do ato de folhear. As mais diferentes propostas e trabalhos contidos nesta edição são de autoria de professores do Instituto de Artes da UFRGS, alunos e ex-alunos do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais. Para o organizador, esta obra legítima e documenta a diversidade das expressões intelectuais na ação universitária. A canção de Capiba diz que sua ciranda não é só sua, é de todos nós. E como quem guia a melodia principal é a primeira voz, coube a Paulo Silveira defender e destacar a iniciativa coletiva que agrega “ao empreendimento artístico a funcionalidade difusora do livro”. Paulo Silveira é bacharel em Artes Plásticas (ênfase em pintura e desenho), bacharel em Comunicação Social, mestre e doutorando em Artes Visuais (História, Teoria e Crítica de Arte) pela UFRGS, programador visual na Universidade e integrante do grupo de pesquisa Veículos da Arte (CNPq). É autor de *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista* (Ed. UFRGS, 2001).



REPRODUÇÕES - EDITORA DA UFRGS

**CIRANDA: ENSAIOS EM NARRATIVAS VISUAIS**  
Ed. UFRGS, 2005,  
311 p., R\$ 36\*,  
organizado por  
Paulo Silveira

### Escravos do Rio Grande

Em sua terceira edição, este título da série Síntese Universitária aborda o caráter escravista da capitania e da província de São Pedro, determinado pelos contextos africano e colonial ilustrados pelo autor. O Rio Grande do Sul é um estado tido como produto quase exclusivo do trabalho livre, segundo o autor: “a importância germinal do trabalhador africano e afro-descendente escravizado durante o século e meio de escravismo sul-rio-grandense foi quase desconhecida pela historiografia”. A obra narra a chegada dos primeiros cativos antes do nascimento oficial do estado, o trabalho nas fazendas, charqueadas, olarias e cidades, a resistência (as fugas, os suicídios, os quilombos, a insurreição) e a participação na Guerra dos Farrapos. Trata-se de uma publicação que, além de apresentar sinteticamente o tema interessante aos estudiosos da história brasileira e americana, traz muitas indicações de bibliografia acerca do assunto. Mário Maestri é historiador; doutor em Ciências Históricas pela

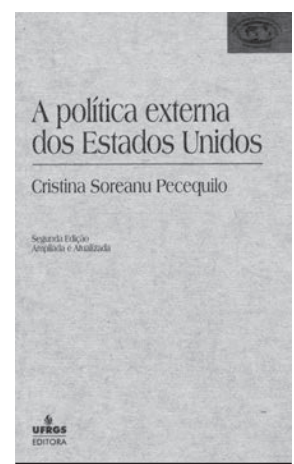


**O ESCRAVO NO RIO GRANDE DO SUL: RESISTÊNCIA, TRABALHO, SOCIEDADE**  
Ed. UFRGS, 2006,  
199 p., R\$ 9,60\*,  
de Mário Maestri

Universit  Catholique de Louvain (Bélgica); membro do Comit  Nacional do Projeto a Rota do Escravo, da Unesco, e autor de livros e ensaios sobre a história da escravidão e do Brasil, publicados na França, Bélgica, Itália, Brasil e Argentina. Foi professor no Programa de Pós-gradua o em História da UFRJ e da PUCRS e hoje leciona na Universidade de Passo Fundo.

### O caso yankee

A série Rela es Internacionais e Integra o publica uma segunda edi o desta obra que recebeu o pr mio de melhor tese de doutorado no Departamento de Ciência Política da USP, em 2000. O título, questionando a existência de uma mudança na postura dos norte-americanos desde sua independência até o “11 de setembro”, d  destaque ao século XX, que demarca a constitui o da hegemonia do Estado nas Guerras Mundiais e um novo período de sua política externa com o final da Guerra Fria. “Apesar da centralidade dos Estados Unidos como a única superpotência restante e da possível perman cia de sua liderança por mais algumas décadas, já se pode observar uma reordena o da posi o das potências do sistema – aí includidos os próprios norte-americanos – em dire o ao estabelecimento de uma nova hierarquia, refletindo a importância de países como Alemanha (ou União Européia), Japão, Rússia e China”, avalia a autora. Essa segunda edi o do livro ainda traz fatos relevantes mais recentes para uma observa o da política externa dos EUA, como o episódio da Guerra do Iraque e a reelei o de Bush filho; representa um estudo acad mico de conjunto, produ o pioneira de nosso país neste tema. Cristina Soreanu Pecequillo   professora do Curso de Rela es Internacionais do Centro Universitário Ibero-americano (Unibero), mestre e doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP) e pesquisadora associada do Núcleo de Estudos de Estratégia e Rela es Internacionais (Nerint/UFRGS).



**A POLÍTICA EXTERNA DOS EUA: CONTINUIDADE OU MUDANÇA**  
Ed. UFRGS, 2005,  
500 p., R\$ 36\*,  
de Cristina Soreanu Pecequillo

\* Preços já com o desconto de 20% oferecido nas Livrarias da UFRGS

# Rock'n'roll não pertence apenas aos jovens

Música Sobrevivendo às intempéries culturais e políticas, roqueiros com mais de 60 anos sacodem o mundo

José Carlos de Azevedo\*

Com o dólar valendo dois reais e alguns centavos, opera-se o “milagre”, e os grandes nomes do rock internacional voltam a se apresentar no Brasil aos borbotões. Alguns até estão vindo a Porto Alegre! Antes que alguém aponte o dedo acusador para mim e grite “provinciano!” por conta do período gramatical anterior a este aqui, quero dizer que estou apenas descrevendo um fato. Com a presença dos mais populares artistas de rock do mundo (e outros não tão populares, mas promissores), regozijam-se os fãs e as publicações especializadas em música pop, enquanto outros, “tinholescamente”, resmungam e viram a cara, tirando do bolso o amarfanhado livrinho vermelho que vaticina, “rock é a música do dominador”.

Há também os que não dão a menor pelota para o que eu disse aí em cima, ocupados que estão em ganhar a vida neste país emergente, que insiste em manter-se submerso o tempo inteiro; este texto não vai interessá-los muito, quero crer. O assunto desta pilha de palavras corridas que agora produzo é o rock, esse velhinho transviado que desde a primeira metade dos anos 50 provoca acalorados debates acerca de seu valor cultural, social e estético. Queremos saber: o velhinho acomodou-se e trabalha para o “*monstro sis*”, como diria o Raul Seixas, ou continua impossível, desrespeitando autoridades, furando sinais vermelhos e assediando sem descanso as atendentes bonitas da casa de repouso em que mora?

A essa altura, a resposta para a questão que encerra o parágrafo anterior já deve (ou devia) ser conhecida por aqueles que se interessam por rock mais do que os ou-



Há bandas de rock para todos os gostos e idades

tros seres humanos normais. Antes de prosseguirmos, porém, é preciso fazer algumas distinções. Quando eu digo “rock”, não estou me referindo a um conjunto totalmente homogêneo de produtos musicais e líricos. Os “ruy castros” do mundo, que rejeitam em bloco o gênero musical que celebrou Elvis e Beatles e, há, Lulu Santos, costumam entender “rock” como “rocha”, como um grande monólito. Um monólito invasor, que produz um ruído estranho e que não faz nada além de agitar a macacada,

como aquele do 2001, clássico filme do Stanley Kubrick.

Alguns dirão que há subgêneros do rock que praticam a resistência política e cultural e mantêm acesa a faísca da rebeldia própria do gênero musical. Os *punks* certamente vão tirar da cachola o bordão “*punk's not dead*”. Outros dirão que a razão de tudo é o dinheiro, as mulheres (ou rapazes) e a conquista da fama. Nessa corda bamba, sem rede e sem sombrinha, balançando entre o valor de uso e o de troca, entre o fato e a ficção, sobrevive o rock no mundo e no Brasil.

**Para todos** – A permanência de bandas “antigas” no picadeiro pop desafia a máxima “viva rápido e morra jovem”, associada ao gênero desde que surgiu. O rock, como fenômeno de comunicação, demarcou um território etário desde sua origem: era uma forma de expressão própria da juventude, rápida, impulsiva, enérgica, questionadora, festiva e melancólica, infantil e adulta. Com o passar dos anos, novas gerações tomaram para si o gênero musical e fizeram dele o que quiseram.

Da década de 1950 até hoje, ele foi celebrado, censurado, agitado como bandeira geracional, criticado por seus aspectos comerciais, adaptado, modelado, remodelado, desconstruído, recuperado, esquecido e resgatado. Espalhou-se pelo mundo e tem história em países diversos, cada história com seus personagens de destaque, seus fatos marcantes e suas próprias anedotas. O fato, porém, é que o rock hoje é multigeracional, não pertence apenas aos adolescentes e aos jovens adultos: nos palcos e platéias do mundo, roqueiros sessentões continuam a sacudir os topetes (*ok*, alguns desses senhores já estão calvos - ficamos com o sentido figurado então) e demonstrar sua paixão inabalável pelo gênero.

A diversidade de vozes “etárias” não é exatamente uma novidade, mas o fato dos pioneiros Chuck Berry, Little Richard, Jerry Lee Lewis estarem hoje na casa dos setenta anos de idade, enquanto os Beatles e os Stones remanescentes

já são sessentões, é novidade. Nunca houve tantos roqueiros veteranos em atividade como hoje. Ídolos dos anos oitenta, como Morrissey e Bono, já passaram dos quarenta. Muitos artistas históricos continuam a conquistar platéias de todas as idades com seus discos antigos e suas performances contemporâneas, mas a regra aferida empiricamente é a de que as gerações costumam relacionar-se melhor com os artistas de mesma idade, que cresceram com elas, compartilharam os mesmos momentos históricos. Para um adolescente que considera os Strokes ou os Arctic Monkeys a melhor banda de todos os tempos, os Smiths e o U2 “são as bandas do meu pai”, enquanto os Beatles e o The Who “são as bandas do meu avô”. Esse modo de pensar, injusto quando se considera a importância do legado dos músicos

## O rock é também a voz da terceira idade, e com isso amplia sua base

que fizeram do rock o que ele ainda é, ajuda a garantir sua permanente (ou aparente, como querem alguns) ruptura com o conformismo, com o já estabelecido.

Concomitantes ao sucesso do *rock'n'roll* nas paradas de sucesso dos EUA, as primeiras gravações do gênero aqui no Brasil surgiram também em meados dos anos 50, entoadas por astros do rádio como Cauby Peixoto e Nora Ney. Não levamos muito tempo para produzir astros exclusivamente de rock como a dupla de irmãos Tony e Celly Campelo e Ronnie Cord. À explosão do rock britânico na primeira metade dos anos 60, correspondeu à Jovem Guarda; à psicodelia e à experimentação com outros ritmos e instrumentações que teve lugar na segunda parte dos anos sessenta, correspondeu a Tropicália (ainda que este movimento fosse muito além das refe-

rências ao rock que se fazia no exterior). Ao *punk* da segunda metade dos anos setenta e ao pós-*punk* da virada dos setenta para os oitenta, correspondeu o “B-rock” de bandas como Legião Urbana, Ultraje a Rigor, Titãs e outras, muitas delas ainda em atividade.

O que se pode dizer é isso: a diversidade fortalece o rock, como costuma favorecer qualquer forma de expressão cultural. Ele hoje é, também, a voz da terceira idade, e com isso amplia sua base de referências musicais e de temas. De discos que registram a passagem para a vida adulta (na falta de melhor exemplo, cito os de Avril Lavigne), passando pelos da crise de meia-idade (o recém lançado disco de Donald Fagen, *Morph the cat*), aos da maturidade (*Chaos and creation in the backyard*, de Paul McCartney), há rock para todos os gostos e idades. Rock conservador e rock rebelde, republicano, democrata, feminista, anarquista, nazista, comunista. Está tudo nas prateleiras das melhores lojas reais ou virtuais do mundo, faça você as suas escolhas.

Ainda que, depois de mais de cinquenta anos, certos setores do ambiente acadêmico ainda resistam em aceitá-lo como expressão cultural relevante, multiplicam-se as dissertações, teses e ensaios sobre o rock como motor da indústria cultural contemporânea (que serve ao modelo sócioeconômico capitalista mais do que o contesta) ou como elemento positivo de transformação social, ou ainda como fenômeno de massas. Algumas iniciativas parecem estar começando agora – de uns poucos anos para cá, por exemplo, surgiram livros que tratam do rock brasileiro como objeto de estudo sério. De toda maneira, o rock continua firme, e nada indica que ele vá sumir assim, de repente, para desconsolo dos “tinhorões” e “ruy castros” que conhecemos. Apropriando o enigma que a Esfinge propôs a Édipo, seja em quatro, duas ou três pernas, o rock continua a sua jornada. Calçando sapatos de veludo azul, claro.

\*Jornalista, programador cultural do Instituto de Artes da UFRGS

## O mestiço que veio do norte

O termo “rock” é um guarda-sol gigante e multicolorido que abarca diferentes vozes, estilos e perspectivas sociais, culturais e econômicas. Seguindo o fio de Ariadne de volta à porta de entrada do labirinto, isto é, à época em que o rock surgiu, lá nos anos cinqüenta, vamos descobrir que ele, menino rebelde que usava topete e jaqueta de couro e andava de motoneta, nasceu mestiço. Filho dileto do *rhythm & blues*, o blues elétrico e urbano que surgiu nos anos 40, depois que a população afro-americana dos Estados Unidos migrou em grande escala do Sul agrícola, repressor, para o norte industrializado, mais liberal, com a música country, o rock é um *mix* de culturas e de referências sociais desde o berço. Além da explosiva combinação *black and white*, altamente subversiva naquele período marcado pela segregação racial tolerada pelo Estado norte-americano (lembrem os bares e espaços sociais reservados “para pessoas de cor”, que separavam os negros dos brancos, comuns na terra do *Tio Sam* daqueles tristes tempos), ainda havia a mistura de gêneros sexuais.

Deixando de lado o explosivo Little Richard, um dos nomes mais importantes e chocantes da história da música popular do século passado, que era – e ainda é – despuadoradamente afeminado,

evocamos a figura do jovem Elvis Presley, homem branco, sulista, que remexia furiosamente os quadris em todos os palcos em que se apresentava e tinha olhos que pareciam permanentemente delineados com rímel. A imagem de Elvis era por demais “feminina” para os rígidos padrões dos anos cinqüenta, presos ao visual cabelo escovinha, terno, gravata e chapéu para os homens.

Adolescentes brancos, negros e latinos rebolando ao som estridente de guitarras elétricas, baixo e bateria, adotando como ídolos um bando de garotos rebeldes, mal-comportados: não era bem isso que os pais norte-americanos queriam para seus filhos naquela época distante. Numa sociedade capitalista, porém, o dinheiro dá a palavra final. O sucesso estrondoso dos discos e dos filmes de *rock'n'roll* despertou a cobiça dos poderosos da indústria cultural, que passaram a explorar o filão sem constrangimentos e a lançar discos e filmes roqueiros à farta. Ainda que, no encerramento dos anos cinqüenta, os pioneiros do movimento tenham sido “punidos por insubordinação” pelos conservadores dos EUA (Elvis no exército, Chuck Berry e Jerry Lee Lewis na cadeia por envolvimento íntimo com adolescentes brancas), a caixa de pandora estava aberta e não seria novamente fechada.

## Destaque

## Unimúsica incursiona por festas e folguedos

No ano em que completa 25 anos, o projeto se volta para os sons oriundos da cultura popular

Nos dias 3 e 4 de maio inicia o Unimúsica 2006, projeto desenvolvido pelo Departamento de Difusão Cultural da Pró-reitoria de Extensão. Ao completar 25 anos de atuação, marcados pelo lançamento de novos nomes e pela valorização das diferentes correntes da música brasileira, o projeto traz como tema da série deste ano as festas e folguedos que animam a cultura popular. Até novembro, serão realizados sete shows mensais, cinco oficinas e um espetáculo especial intitulado Unimusiquinha, previsto para outubro.

Na estréia da programação, no dia 3 de maio, haverá um debate sobre a *memória da música popular* no qual será discutido o conceito de patrimônio imaterial, o legado de Mário de Andrade e os mecanismos de transmissão e formalização da música popular. Participam o compositor, poeta, escritor, jornalista e produtor musical, Hermínio Bello de Carvalho; o também compositor e integrante da Velha Guarda da Portela, Monarco; a professora de Folclore e Etnomusicologia na Unirio, Elizabeth Travassos; e a professora do Programa de Pós-graduação em Música da UFRGS e presidente de honra da Associação Brasileira de Educação Musical, Jusamara Vieira Souza. O encontro será realizado na Sala II do Salão de Atos, a partir das 19h, com entrada franca.

No dia seguinte, no mesmo horário, será realizado o show *Velha Guarda da Portela – a*



## linhagem do samba carioca.

Formada por antigos integrantes da escola de samba Portela (fundada em 1923), a Velha Guarda estreou em disco em 1970, com "Portela passado de glória", produzido por Paulinho da Viola. Com o sucesso do disco, o grupo passou a se apresentar em shows, realizando um resgate de antigos sambas e sambistas que de outra forma estariam esquecidos. Essas apresentações contam com participações ilustres, como Beth Carvalho, Gilberto Gil, Paulinho da Viola e Marisa Monte, atualmente uma das maiores divulgadoras do trabalho do grupo. A atual formação do grupo tem Jair do Cavaquinho, Guaracy, Monarco, Casquinha, Cabelinho, Edir, Davi do Pandeiro, Casemiro, Serginho Procópio e as pastoras, Áurea Maria, Surica, Doca, Neide e Timbira.

O show terá lugar no Salão de Atos da UFRGS e a retirada de senhas para ingresso pode ser feita a partir de 2 de maio, no Museu da Universidade (Av. Oswaldo Aranha, 277), das 9h às 18h. Mais informações pelo telefone 3316-3034.

## CALENDÁRIO DOS SHOWS

**4 de maio**  
Velha Guarda da Portela – a linhagem do samba carioca

**1º de junho**  
Paulo Freire e Manoel de Oliveira – a tradição da viola no sertão de Guimarães Rosa

**6 de julho**  
Carlos Zens e grupo – auto do boi de reis, caboclinhos e cocos do Rio Grande do Norte

**3 de agosto**  
Quarteto Maogani e Renato Braz – antigas modinhas das serenatas brasileiras

**24 de setembro**  
Siba e a Floresta - ciranda e maracatu rural da zona da mata pernambucana

**5 de outubro**  
Quartchêto e Gilberto Monteiro - chamamê, rancheira e vanerão, o fandango gaúcho

**9 de novembro**  
Baile de carnaval - as marchinhas clássicas dos anos 30 e 40.

## Ciclo de filmes do Colégio de Aplicação

A Sala Redenção e o Colégio de Aplicação estão desenvolvendo o projeto de extensão *A história vai ao cinema com Aplicação*, que irá exibir até dezembro 28 filmes relacionados a diferentes períodos históricos. A programação está dividida em quatro módulos: ditaduras na América Latina; da Idade Média à Idade Moderna; a era das revoluções e a era dos extremos. Após cada exibição, haverá um debate com especialistas convidados. A coordenação é do professor Nilo Piana de Castro e as sessões serão realizadas na Sala Redenção (Av. Paulo Gama, s/nº. - Campus Centro), às 19h. Informações pelos telefones 3316-3436 e 3316-4022.

## Módulo I – Ditaduras na América Latina/Relembrando o golpe em Abril

5/4 – quarta-feira  
Pra frente Brasil (Brasil, 1982/83, VHS, 104 min.), de Roberto Farias. Em 1970, o Brasil inteiro torce e vibra com a seleção de futebol no México, enquanto prisioneiros políticos são torturados nos porões da ditadura militar e inocentes são vítimas desta violência. Todos esses acontecimentos são vistos pela ótica de uma família quando um dos seus integrantes é confundido com um ativista político e "desaparece". Com Antônio Fagundes, Reginaldo Faria e Cláudio Marzo.

12/4 – quarta-feira  
Estado de sítio (État de Siège, França / Itália / Alemanha 1972, DVD, 120 min.), de Costa Gavras. Em uma ousada operação tática, o grupo guerrilheiro Tupamaros seqüestra o cônsul brasileiro no Uruguai e o cidadão norte-americano Philip Michael Santore, funcionário de uma agência americana. Com o sucesso da operação, os Tupamaros exigem a troca dos seqüestrados por militantes presos.

Com Yves Montand e Renato Salvatori.

## Módulo II – Da Idade Média à Idade Moderna

19/4 – quarta-feira  
O nome da rosa (Alemanha, 1986, DVD, 130 min.), de Jean-Jacques Annaud. Um monge franciscano e um noviço investigam uma série de estranhas mortes que passam a ocorrer em um mosteiro no norte da Itália, em plena Idade Média. Enquanto os assassinatos são lentamente solucionados, trava-se uma guerra ideológica entre franciscanos e dominicanos. Com Sean Connery e Christian Slater.

3/5 – quarta-feira  
O senhor da guerra (Lord of war, EUA 1965, 123 min.), de Franklin Schaffner. No século XI, o poderoso Duque Willian de Ghent envia o seu mais leal cavaleiro, Chrysgon, juntamente com seus guerreiros, para guardar e proteger seus assentamentos na costa da Normandia de ataques e pilhagens. O cavaleiro acaba se apaixonando pela filha de um ancião local. Com Charlton Heston e Guy Stockwell.

## CINEMA/DVD/VÍDEO

## Paulinho da Viola, meu tempo é hoje

(Brasil, 2003, DVD, 83 min.), de Izabel Jaguaribe  
Documentário em que o cantor, compositor e instrumentista apresenta seus mestres e amigos, suas influências musicais e percorre sua rotina em família, peculiar e discreta, apresentando hábitos e costumes desconhecidos do grande público. O filme traz depoimentos de Marina Lima, Zeca Pagodinho, Marisa Monte, Hermínio Bello de Carvalho, Néelson Sargento e Monarco, entre outros. A exibição integra as atividades do seminário especial "Artes da memória", coordenado pelas professoras Margareth Schäffer, Rosa Fischer e Simone Rickes, da Faculdade de Educação. Após a exibição, haverá debate com a participação do psicanalista Robson de Freitas Pereira, da Associação Psicanalítica de Porto Alegre e Marília Stein, professora de música da Fundarte/Uergs e doutoranda de Etnomusicologia da UFRGS.  
Data: 7 de abril, sexta-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 18h  
Entrada franca

## Passagem

(Brasil, 2005, DVD, 52 min.), de Jaime Lerner  
Exibição do documentário que apresenta um olhar diferente sobre um espaço banalizado: a Rodoviária de Porto Alegre. O filme aborda o universo dos transeuntes e dos personagens fixos, utilizando o movimento, o ritmo e o som para levantar uma reflexão existencial e universal sobre os tipos locais. A rodoviária é mostrada como um centro de confluências que abriga um microcosmo de nossa sociedade, de chegadas e partidas, de histórias que não se revelam, de rostos e olhares dos que estão de passagem, em busca do próprio destino. O filme marca a estréia da série 2006 do projeto Cinema, Pesquisa e Extensão. Após a sessão do dia 26, debate com a participação do diretor Jaime Lerner e de um professor da UFRGS.  
Sessões: 24 a 28 de abril, segunda a sexta-feira  
Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min  
Entrada franca

## CURSOS E PALESTRAS

## Metodologia de pesquisa

Curso de extensão ministrado pela professora Tania Steren dos Santos, que enfocará as diretrizes para leitura, análise e interpretação de textos; métodos e técnicas de pesquisa; e, elaboração de monografias, trabalhos de conclusão e teses.  
Períodos: 10 de abril a 15 de maio (turma 1) e 29 de abril a 27 de maio (turma 2)  
Locais e horários: turma 1, sala 303 do Anexo I da Reitoria, nas segundas-feiras, das 13h30min às 16h30min; turma 2, sala 206 do Instituto de Psicologia, aos sábados, das 9h às 12h  
Informações e inscrições: 3312-2256 ou pelo e-mail barquis@orion.ufrgs.br

## Especialização em Literatura Brasileira

Curso promovido pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras, que oferece atualização para professores do ensino fundamental e médio. O programa oferece um panorama crítico da literatura brasileira, leituras de clássicos, contos, teatro e poesia. O curso é coordenado pela professora Gínia Gomes.  
Período: 13 de maio de 2006 a 12 de maio de 2007, aos sábados, das 8h às 12h e das 13h às 17h  
Inscrições: até 20 de abril, na sala 128 do Instituto de Letras, aos sábados das 9h às 16h  
Informações: 3316-6706 ou pelo e-mail esp1b@ufrgs.br.

## EXPOSIÇÃO

## Picadinho – Módulo 2

Exposição dos formandos em Artes Visuais do Instituto de Artes no segundo semestre de 2005. Participam deste módulo 19 novos artistas.  
Visitação: 17 a 28 de abril, de segunda a sexta-feira, das 10h às 18h  
Local: Pinacoteca Barão de S. Ângelo (IA)  
Entrada franca



## MÚSICA

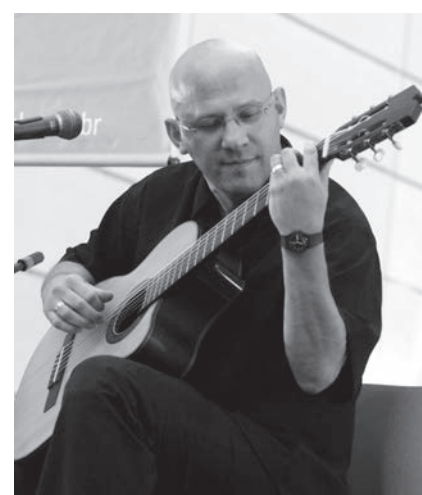
## Sarasu no IA

Recitais de alunos que participam dos cursos de graduação, pós-graduação e extensão, promovidos pelo Departamento de Música do Instituto de Artes.  
Datas: 10 e 24 de abril, às 17h; dia 27, ao meio-dia  
Local: Auditorium Tasso Corrêa (IA)  
Entrada franca

## Seminários Prêmio Nobel de Economia

Série de palestras promovida pelo curso de Pós-graduação em Economia, que têm por objetivo mostrar a importância dos trabalhos dos vários economistas agraciados com o Nobel. No dia 11, Roberto Camps Moraes (Unisinos) fala sobre Milton Friedman e a revolução monetarista; no dia 18, Carlos Henrique Horn (UFRGS) abordará o trabalho de Richard Stone e a contabilidade nacional; e no dia 25, Ronald Hillbrecht (UFRGS) destaca Ronald Coase e a importância dos custos de transação e dos direitos de propriedade.  
Datas: 11, 18 e 25 de abril, terças-feiras  
Local e horário: Videoteca da Faculdade de Ciências Econômicas (junto à Biblioteca), das 17h15min às 18h15min  
Informações pelos telefones 3316-3138 e 3316-3514.

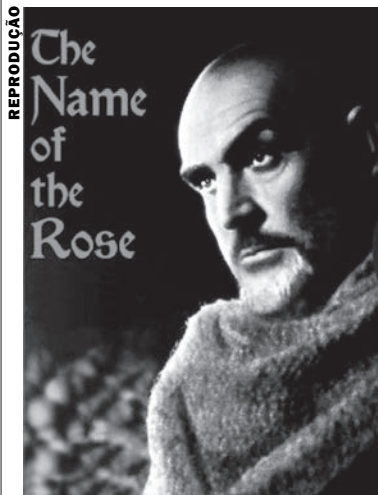
## Tamborilando – o acompanhamento instrumental na canção brasileira



Curso com o premiado compositor e violonista Felipe Azevedo, que desenvolve uma maneira inovadora de tratar o acompanhamento instrumental na música popular brasileira, a partir de enfoques diferenciados: a estruturação harmônica, a elaboração contrapontística, a organização rítmica e a textura elaborada em diversas camadas de sonoridade. A atividade é promovida pelo Departamento de Música e podem participar estudantes e profissionais.  
Período: 28 de abril a 16 de junho, nas sextas-feiras  
Local e horário: sala 41 do Instituto de Artes, das 18h às 20h  
Informações e inscrições: Coordenadoria de Extensão do Departamento de Música (sala 62, do Instituto de Artes, telefone 3316-4325.

## Onde?

- Instituto de Artes da UFRGS  
Rua Senhor dos Passos, 248
- Sala Redenção  
Av. Paulo Gama, s/nº.
- Instituto de Psicologia  
Rua Ramiro Barcelos, 2.600
- Faculdade de Ciên. Econômicas  
Av. João Pessoa, 52
- Insituto de Letras  
Av. Bento Gonçalves, 9.500



# Sérgio Silva, paixão pelo cinema

Ademar Vargas de Freitas

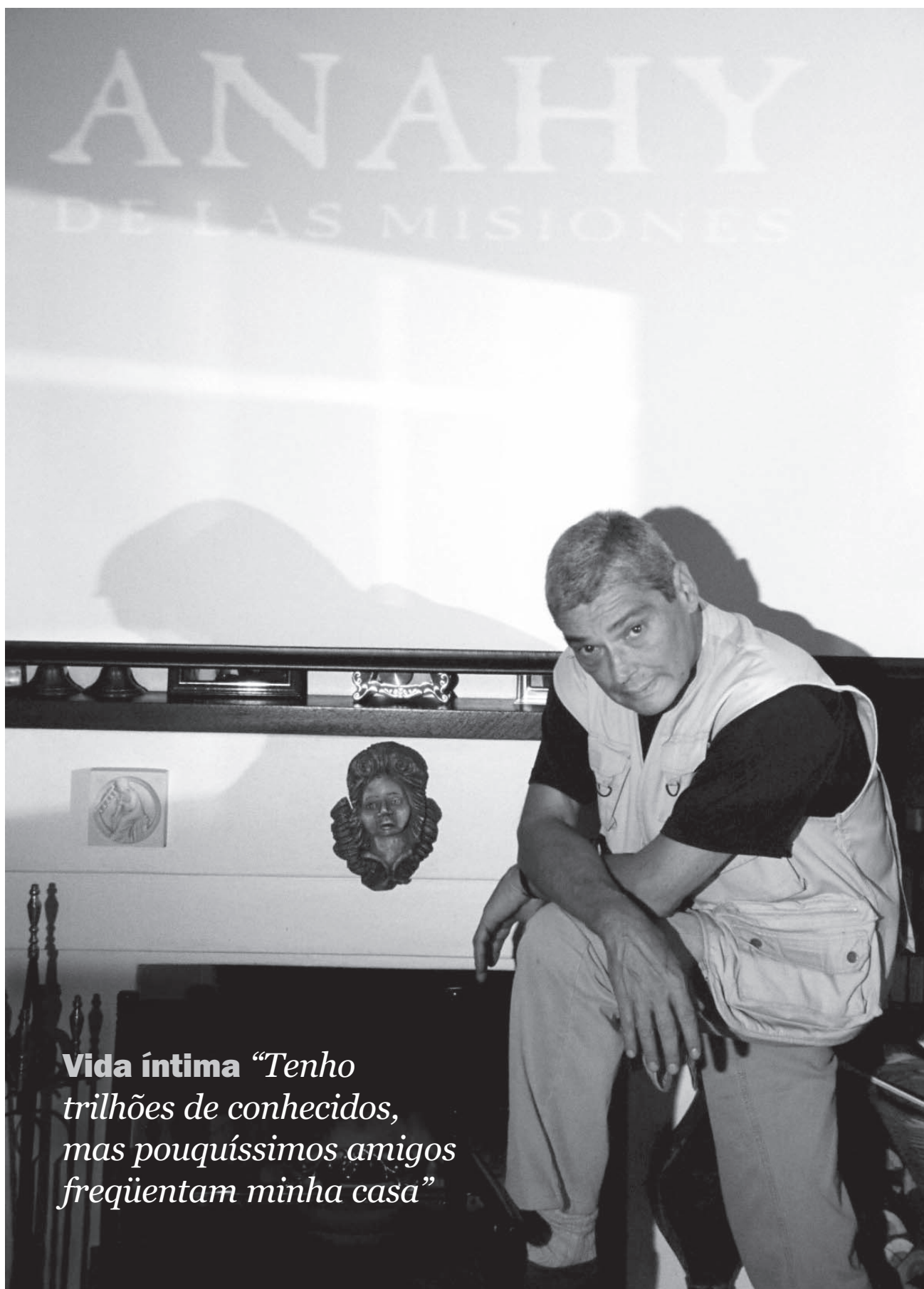
Até realizar o sonho de fazer cinema, Sérgio Silva fez de tudo no teatro, escreveu crítica cinematográfica e varou madrugadas nos bancos da Praça da Alfândega, conversando sobre seu tema favorito com um grupo de aficionados. Entre eles, o cineasta Alfeu Godinho e o grande fotógrafo de cinema Norberto Lubisco.

Outro sonho realizado foi conhecer a Europa, principalmente a França, onde tem ido com frequência, em função do sucesso de seus filmes. "Anahy de las Misiones", sua obra mais conhecida, recebeu muitos prêmios no Brasil e no exterior. "Achei que, na Europa, a indumentária e os costumes gaúchos, como o chiripá e o chimarrão, não seriam bem entendidos, mas me enganei. Em Budapeste e em Paris, por exemplo, o filme foi bem assimilado. Claro, tinha aquele lado universal, a mãe, a guerra..."

Em cinema, tudo passa pela aprovação do diretor. "O figurinista vem me mostrar peça por peça; o cenógrafo monta o cenário, e eu vou opinar. A única coisa em que não palpito muito é a música; tenho um péssimo ouvido." Até na montagem, ele participa. "Anahy", por exemplo, foi montado na Argentina, por Juan Carlos Macías, sob seu olhar atento.

Para Sérgio, filme bom é o que consegue ser extremamente humano, no sentido de mostrar o indivíduo e suas crises, tendo, ao mesmo tempo, domínio de linguagem cinematográfica, em termos de enquadramento, movimento de câmera, iluminação, cor, música. Coisas que ele assimilou a partir da década de 60, quando teve início uma grande modificação no cinema, sobretudo o europeu. Até então, o cinema mundial era muito influenciado pelos filmes americanos, comédias românticas, melodramas, bang-bangs.

"O cinema europeu veio como uma revolução, com um sentido mais artístico e de expressão antropológica, só alcançado, talvez, na época dos filmes mudos. E surgiu a *nouvelle vague* francesa, o neo-realismo italiano, o *free movie* inglês e o cinema novo brasileiro. A gente via filmes de Federico Fellini ('A doce vida'), Ingmar Bergman ('Morangos silvestres'), Lucchino Visconti ('Rocco e seus



**Vida íntima** "Tenho trilhões de conhecidos, mas pouquíssimos amigos frequentam minha casa"

irmãos') e François Truffaut ('Os incompreendidos')."

Hoje, com os DVDs, Sérgio está conseguindo resgatar os filmes que viu na adolescência. Em seu *home theatre*, ele tem cerca de 500 filmes dessa época. E pode matar a saudade de seus atores preferidos, entre os quais estão Marcello Mastroianni, Anouk Aimée, Jeanne Moreau, Claudia Cardinale e Alain Delon. "Cada vez que assisto a 'Rocco e seus irmãos', fico inebriado."

## Rio Grande, celeiro de atores

O diretor Sérgio Silva diz que os atores que mais o fascinam são os que têm força no olhar. "Às vezes, o ator não é tão bonito, mas tem um olhar forte, expressivo. E, às vezes, é bonito, mas o gestual facial não favorece. O olho do ator é uma coisa muito importante, sobretudo no cinema, onde o rosto pode ficar gigantesco."

Ele considera que o Rio Grande do Sul está voltando a ser um celeiro de intérpretes para teatro, cinema e televisão, como ocorreu no final dos anos 50 e início dos anos 60, época em que saíram daqui Paulo José, Ítala Nandi, Lílian Lemmert, Paulo César Peró e outros nomes importantes.

"O próprio Curso de Arte Dramática do Instituto de Artes cresceu muito. Em outras épocas, quando reunia 20 alunos, contando todos os semestres, era considerado como lotado. Hoje, lida com cento e tantos, que estão formando grupos e produzindo. Alguns

estão indo para Rio e São Paulo, mas aqui já têm oportunidades, não só no teatro e no cinema (curtas e longas), mas também em programas e comerciais de TV, em *spots* de rádio."

Ele aponta diferenças na atuação para o teatro e na atuação para o cinema. "Ator de teatro ensaia tudo picadinho durante dois ou três meses, mas, a partir do momento em que a peça estréia, a emoção é corrida, do primeiro ao último momento. Ator de cinema ensaia corrido a cena para depois picar tudo, porque tem que mudar a câmera de posição, tem que fazer não-sei-o-quê, e prepara a luz, e monta o *travelling*, e fecha o plano, e abre o plano. Para fazer uma tomada de 15 segundos, às vezes se leva duas horas. A Greta Garbo, quando via os próprios filmes, se admirava: 'Mas eu não fiz tudo isso! Eu passava os dias sentada no estúdio, esperando', dizia ela."

## Na matinê do Gioconda

Sérgio nasceu em Porto Alegre, a 19 de novembro de 1945. A casa onde vive até hoje, com a mãe, Maria Celeste, foi construída na década de 50 pelo pai, Longino Silva, militar e professor. Na época, a Vila Assunção tinha poucas casas, e dali até a beira do Guaíba era só mato. Bom pra ele, que adorava se pendurar nos cipós, subir em árvore, construir cabana de Tarzan, fazer guerra de mamonas.

Como ainda não existia a ponte do Guaíba, todo o tráfego para a zona sul do estado passava pelas barcas que, de meia em meia hora, encostavam no atracadouro da Vila Assunção, pertinho de casa. Quando não tinha o que fazer, Serginho pegava a barca e singrava o lago, então chamado de rio, espremido entre pessoas, automóveis e ônibus. Desembarcava no outro lado e ficava zanzando pelo cais, olhando o movimento dos barcos. Era bem divertido.

Mas nada o encantava tanto quanto as matinês de domingo no Cinema Gioconda, ali na Tristeza. Os pais iam jogar bolão no Jangadeiros, e ele passava a tarde no cinema, onde, além de assistir aos filmes, a gurizada trocava idéias e gibis. Na tela, os trailers dos filmes que iam passar na semana seguinte, depois o cine-jornal, uns três desenhos animados e, finalmente, dois longas-metragens. Tinha de tudo: caubói, monstro, comédia, drama, romance... Era muito divertido.

Sérgio fez o Ginásio e o Clássico

no Colégio Estadual Júlio de Castilhos. A turma dele gostava muito de cinema e de teatro, e até editava precariamente um jornalzinho, recomendando filmes. Em 1965, fez vestibular para Letras na UFRGS. No ano seguinte, surgiu a oportunidade de trabalhar no teatro.

"O diretor paulista Miguel Grant veio a Porto Alegre para montar 'Antígona', de Sófocles, e o Luiz Artur Nunes, hoje grande diretor de teatro no Rio de Janeiro, me avisou que precisavam de gente para integrar o coro. Fomos os dois, fizemos teste e passamos." Desde então, Sérgio ficou vinculado à idéia do teatro e, em função disso, começou a fazer o Curso de Arte Dramática, que abandonou pouco depois, quando o governo militar levou a Universidade a expurgar o professor Gerd Bornheim e outros professores.



Sérgio, aos oito anos, na bicicleta, companheira de infância

**HOMEM DA MENTIRA**  
"Como professor, lido com a verdade, mas no teatro e no cinema sou um homem da mentira, gosto de inventar personagens, histórias. No cinema, as coisas se tornam mais interessantes. É como o som de um tiro: quando se ouve tiros de verdade, na rua, parece que se está ouvindo duas tabuinhas batendo, pé, pé, pé. Agora, tiro no cinema, que coisa mais fantástica! Aquilo tem som, tem zumbido: tará, pou, zing, bang."

**TRAGÉDIA GREGA**  
"Ao dar aulas, sou meio malucão e às vezes sou um pouco rigoroso em termos de provas e com a conversa em aula. Mas, tenho paixão por lecionar. Esses dias, fiz uma cirurgia na mão e no dia seguinte já fui dar aula, enfaixado e com pontos. Tanto fazia estar com a mão pra cima em casa quanto na aula. Então, fui pra aula e fiquei de mão pra cima, falando sobre tragédia grega."

**COMEÇANDO POR CIMA**  
"Hoje quem sai dos cursos de cinema da universidade já tem uma perspectiva. Recentemente, chamei para trabalhar comigo um jovem que está se formando em Audiovisual na Unisinos. Vicente Moreno tem 20 anos e já vai fazer o seu primeiro filme, um longa-metragem. Na época em que comecei não havia essa oportunidade."

**ALEGRIA, ALEGRIA**  
"Sou veemente. Nunca digo: 'Sou colorado'. E sim 'Sou coloraaado!!!' Quando estou brabo, atacado, furibundo, brigo horrores. Mas, quando entro no Caras & Bocas, um bar da General Vitorino, perto do DAD, e sento com a gurizada, ali, das dentárias, já fico de bom-humor. Mesmo quando passei oito dias no CTI do Mãe de Deus, em 1999, com um pequeno enfarto, todo cheio de fios ligados a um computador, eu me diverti horrores."

Na verdade, não queria ser ator, foi ator pelas circunstâncias. No teatro, entre outras funções, foi produtor-executivo, diretor, figurinista e cenógrafo, tendo participado de mais de 30 espetáculos, a convite de Luiz Paulo Vasconcellos, Irene Brietzke e dos próprios alunos. "Foi um belo aprendizado que transportei para o cinema. Mais tarde, passei a lecionar no Curso de Arte Dramática, onde estou até hoje."

Ele dirigiu seu primeiro curta-metragem em 1969 ("Não tem sentido") e, a partir daí, exerceu as funções de diretor, roteirista e produtor-executivo em 19 filmes de curta, média e longa metragem. Dentre esses filmes, destaca "A divina pelotense" (1984), "Heimweh/Nostalgia" (1990), "Festa de casamento" (1990), "O Zeppelin passou por aqui" (1993), "Anahy de las Misiones" (1997) e "Noite de São João" (2003).



## A Universidade



fora

## da sala de aula

### Flávio Dutra

O escritor Luis Fernando Veríssimo, em um texto que apresenta a exposição de parte da importante coleção fotográfica Pirelli-MASP, que está no Museu de Artes do Rio Grande do Sul até o dia 30 de abril, diz que a fotografia é uma das artes mais praticadas no Rio Grande do Sul e que as imagens produzidas no estado, pela sua qualidade, não se diferenciam entre as “para exposição” e as que simplesmente buscam um registro factual ou documental. O trabalho deste *Ensaio*, “encomendado” com a intenção de mostrar um pouco da Universidade fora da sala de aula, nos seus espaços de convívio ou de trânsito, justifica e confirma as palavras de Veríssimo. O autor, Mateus Bruxel, praticando cortes e recortes cheios de intenção (característica essencial de toda boa fotografia) é estudante de jornalismo na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Nas imagens desta página, Mateus buscou capturar cenas que mostrassem um pouco da rotina de alunos, professores e técnicos no Campus Centro, nas suas palavras “utilizando a possibilidade que a fotografia tem de interromper o tempo e recortar o espaço para eternizar um instante, procurando algo singular, inusitado, dentro de um contexto que até então me parecia absolutamente comum, como estudante”.

### Mateus Bruxel

